



**Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Mestrado de Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário

**MIGUEL JOSÉ DOS SANTOS MENDES**

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA  
BÁSICA 2,3 C/ SEC. JOSÉ FALCÃO DE MIRANDA DO CORVO DA TURMA 8ºC  
DO ANO LETIVO 2012/2013**

---

**COIMBRA**

**2013**



**Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

Mestrado de Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA  
BÁSICA 2,3 C/ SEC. JOSÉ FALCÃO DE MIRANDA DO CORVO DA TURMA 8ºC  
DO ANO LETIVO 2012/2013**

Relatório para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, sob a orientação do Dr. José Pedro Ferreira e co-orientação do Professor Vasco Gonçalves.

**MIGUEL JOSÉ DOS SANTOS MENDES**

**Nº2008020999**

**COIMBRA**

**2013**

**Esta obra deve ser citada como** “Mendes, M.J.S. (2013). *Relatório Final de Estágio Pedagógico*. Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Básica 2,3 C/ Sec. José Falcão de Miranda do Corvo. Relatório Final de Estágio. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

## AGRADECIMENTOS

Chega o fim a aventura deste ciclo de Estudos, por isso gostaria, primeiramente, manifestar o meu profundo reconhecimento e consideração a todos os que, de uma maneira direta ou indireta, ajudaram-me ao longo deste ano e que me fizeram ver que a força da amizade é um bem essencial no alcançar do sucesso das etapas que nos surge ao longo das nossas vidas.

Não poderei deixar de invocar aqueles que no dia-a-dia sempre se preocuparam comigo, ao longo deste último ano: Ao Co-orientador Professor Vasco Gonçalves pelo apoio, respeito, compreensão e pelo incentivo mas, principalmente pela transmissão de conhecimentos, conselhos estabelecidos e o grandioso conhecimento partilhado; E, aos meus colegas de Núcleo de Estágio João Costa e Cesário Madeira, pelo saber ouvir, saber entender, acompanhamento, entreaajuda, paciência, disponibilidade, partilha de conhecimentos e amizade. Um sincero agradecimento aos três por tornar mais rica toda esta experiência académica!

Ao Professor José Pedro Ferreira, pela disponibilidade e conselhos valiosos na evolução da minha aprendizagem.

À professora Regina Lobo, pela disponibilidade e conhecimentos transmitidos no âmbito da Direção de Turma.

Uma especial gratidão à Faculdade Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e a todos os seus elementos, que me proporcionaram uma formação repleta de experiências e aprendizagens.

À Escola Básica 2,3 C/ Sec. José Falcão de Miranda do Corvo e a todos os seus elementos, especialmente, ao grupo de Educação Física pela disponibilidade e apoio prestado ao longo deste ano letivo.

Por fim, agradecer aos meus Pais, pelo incrível apoio e carinho por me proporcionarem uma grandiosa vida Académica e, por tudo o que representam na minha formação pessoal. Sem eles nada teria sido possível concretizar! Gratificar as minhas irmãs pelo apoio, dedicação, paciência, compreensão e motivação demonstrados ao longo destes anos.

A todos,

Um Eterno Agradecimento

## RESUMO

O relatório de estágio expõe uma realidade específica, tendo como objetivo relatar uma vivência adquirida ao longo deste ano letivo. Neste Sentido, o presente ano de Estágio pedagógico desencadeia o desenvolvimento da prática educativa, promovendo uma preparação exigente na adequação da teoria para a prática escolar. Para uma planificação visar o sucesso do processo ensino-aprendizagem, torna-se fulcral uma investigação educacional profunda e constante sobre os objetivos orientadores da ação. Assim, cabe ao agente de ensino – professor – privilegiar a diferenciação numa turma de 8º ano de escolaridade, através da adequação dos processos formativos em função da análise dos resultados de avaliação inicial, bem como fomentar o desenvolvimento pessoal e social do aluno. Desta feita, o presente relatório final de Estágio surge no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico, considerado no Plano de Estudos do 2ºano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, tendo sido a prática desenvolvida na Escola EB 2,3 com Secundário José Falcão, Mirando do Corvo com a turma do 8ºB, tem como intuito refletir e analisar o processo desenvolvido neste percurso pedagógico, que permitiu a aquisição de conhecimentos na didática de Educação Física. Assim, primeiramente será feita uma contextualização da prática desenvolvida relativamente às minhas expetativas iniciais e objetivos de formação. A descrição das atividades desenvolvidas, assim como a reflexão e justificação das opções tomadas também constam do documento. Sabendo das dificuldades inerentes para que este documento seja o reflexo credível de todo o processo desenvolvido ao longo desta etapa académica, poder-se-ão encontrar as questões mais relevantes e, por consequência, objetivo de uma reflexão e exposição detalhada, tentando de alguma forma aproximar o mais possível à realidade de um ano de trabalho. Desejo, que a análise deste relatório desperte um conjunto de consciências do que realmente são as dificuldades e sucessos que surgem ao longo do ano de estágio.

**Palavras-chave:** Educação Física; Professor; Alunos; Formação; Processo ensino-aprendizagem; Intervenção Pedagógica; Reflexão; Inclusão.

## ABSTRACT

The Training Report shows, with the purpose of describing an experience acquired all over this school year. In this sense, this Teaching Internship year prompts the development of educational practice, promoting an arduous preparation for school practice based on parallel theory. In order a planning reach the success of teaching-learning process, a deep and constant educational research about the guiding objectives of the action becomes essential. So, the teacher has to privilege the differentiation in an 8<sup>th</sup> grader class, by adapting the training processes based on the results of the initial evaluation analysis, as well as to encourage the personal and social development of the student. This Training Final Report arises in context of the Teacher Training curricular units, considered in the course syllabus of 2<sup>nd</sup> year of the Master in Physical Education Teaching at Basic and Secondary Level by Faculty of Sport Sciences and Physical Education of University of Coimbra, which the practical sessions has been developed in *EB 2,3 with Secondary level José Falcão* school, Miranda do Corvo with 8<sup>th</sup> B class, and it has the intention to reflect and analyse the developed process in this educational path, which allowed knowledge acquisition in Education Physics teaching. So, in first place there will be a contextualization of developed practice in relation to my initial expectations and training goals. The description of the activities, as well as the reflection and justification of the choices made are also included in the document. Knowing the difficulties involved to make this document a credible reflection of the whole process developed all over this academic stage, can be found detailed reflections and expositions of the most relevant questions, trying to somehow approach as possible to the reality of a year's work. I wish that this report analysis awaken a set of consciences to the difficulties and successes all over the internship year.

**Keywords:** Physical Education; Teacher; Students; Training; Teaching-learning process; Pedagogical Intervention; Reflection; Inclusion.

**INDICE**

AGRADECIMENTOS .....	II
RESUMO.....	III
ABSTRACT .....	IV
INTRODUÇÃO .....	1
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA .....	3
1.1. Expetativas e opções em relação ao estágio.....	3
1.2. Caraterização da Escola.....	6
1.3. Caraterização do Grupo de Educação Física .....	7
1.4. Caraterização da Turma .....	8
2. EXPETATIVAS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	9
2.1. Planeamento.....	9
2.2. Realização .....	17
2.3. Avaliação .....	23
2.4. Avaliação da Condição Física.....	26
2.5. Componente Ético-Profissional.....	27
3. JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS .....	28
4. ENSINO DA APRENDIZAGEM.....	31
4.1. Aprendizagens realizadas como Professor Estagiário.....	31
4.2. Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos.....	34
4.3. Inovação nas Práticas Pedagógicas.....	35
5. DIFICULDADES E NECESSIDADES DA FORMAÇÃO .....	37
5.1. Dificuldades e formas de resolução.....	37
5.2. Formação contínua.....	38
6. ÉTICA PROFISSIONAL .....	40
6.1. Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade .....	40

6.2.	Importância do trabalho individual e de Grupo .....	40
7.	QUESTÕES DILEMÁTICAS .....	42
8.	CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL .....	44
8.1.	Impacto do Estágio na realidade de contexto escolar .....	44
8.2.	Prática pedagógica Supervisionada .....	46
8.3.	Experiências Pessoais e Profissionais .....	47
9.	APROFUNDAMENTO DO TEMA .....	48
9.1.	Introdução.....	48
9.2.	Revisão da Literatura.....	49
9.3.	Desenvolvimento da problemática.....	51
9.4.	Metodologia .....	52
9.5.	Apresentação dos Dados.....	53
9.6.	Análise dos Dados.....	55
9.7.	Discussão dos Dados .....	57
10.	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
11.	ANEXOS .....	66
11.1.	Modelo do Plano de Aula.....	66
11.2.	Modelo de relatório de observação de Aula.....	67
11.3.	Planeamento anual.....	69
11.4.	Quadro de Extensão e Sequência dos Conteúdos .....	70
11.5.	Mapa de Rotações.....	71

***“O esforço só é expresso em recompensa, quando uma pessoa se recusa a desistir”***

Napoleon Hill

***“ Não importa qual é o teu esforço ao longo do caminho, o que importa é que tenhas algo no final.”***

Michael Jordan

## INTRODUÇÃO

O estágio pode ser definido como uma experiência de formação estruturada e como um marco fundamental na formação e preparação dos alunos para a entrada no mundo Profissional. O presente Relatório Final de Estágio surge no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico, considerado no Plano de Estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este pretende refletir as aprendizagens realizadas ao longo do ano letivo 2012/2013, desenvolvidas na Escola EB 2,3 C/ Sec. José Falcão, Miranda do Corvo.

Atendendo que o estágio é um momento repleto de importância, uma vez que respeita a preparação profissional dos docentes, encarei-o como o culminar de todo um processo de formação académica/pedagógica.

Este é, portanto, um ano marcadamente diferente de todos os anteriores e de todos os futuros, pois revela-se fulcral na transição do “aprender a aprender” para o “aprender a ensinar” e do “aprender a ser aluno” para o aprender a ser professor”.

Concluída esta etapa na nossa formação, urge o momento de reflexão, onde de uma forma cuidada e estruturada farei a exposição de todos os passos que fizeram parte deste longo caminho.

O estágio pedagógico engloba duas dimensões com exigências distintas e complementares na nossa formação enquanto professores: Atividades de Ensino-Aprendizagem; e, Atitude Ético-Profissional. Assim, a formação inicial deve contribuir para uma formação profissional de qualidade, de forma que a intervenção no processo ensino-aprendizagem seja realizada de uma forma eficaz. Essa intervenção deve ser sempre acompanhada de reflexão contínua sobre a ação pedagógica, que tem como objetivos: auto-avaliar toda a prestação individual ao longo do ano letivo; identificar lacunas de modo a evitar erros no futuro; e, refletir sobre as mais variadas opções.

Perante estas duas dimensões, irei realizar uma reflexão detalhada relativamente aos procedimentos que sustentaram o desenvolvimento curricular para a turma pela qual estava responsável, bem como, realizar um balanço sobre a experiência de prática pedagógica. Consequentemente, serão elaboradas as

questões dilemáticas, conclusões referentes à formação inicial e com o aprofundamento da temática “Aplicabilidade da Inclusão no Contexto Escolar.”

## 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

### 1.1. Expetativas e opções em relação ao estágio

“A passagem de estudante a aluno estagiário também significa uma descontinuidade tripartida, da instituição de formação para a escola, de aluno estagiário a futuro professor e da teoria para a prática”. (Ruas, 2001)

Este estágio é o culminar da minha formação académica, de um longo trajeto de dedicação e sobretudo de aprendizagem. É encarado por mim como uma oportunidade única e proveitosa para a minha formação, na medida em que posso aplicar na prática todo o conhecimento adquirido ao longo destes anos da formação. Por outro lado, é, também, uma oportunidade de atribuir significado a todas as aprendizagens até então assimiladas.

O Estágio Pedagógico deve ter como real importância um elemento integrante da prática profissional, construindo a partir das exigências e realizações que devo consciencializar, mediante a análise problematizada da minha prática pedagógica, portanto, devo interiorizar uma evolução dentro de uma construção e recurso a eventuais domínios de cooperação com outros profissionais. Este processo Pedagógico entra como um ponto fundamental para adquirirmos experiência nesta área e para pôr em prática todos os conhecimentos que pude aprender ao longo da minha formação académica e capacidades inatas, que como é lógico, qualquer profissional de Desporto deve possuir, e posteriormente, adaptar tais competências e capacidades a uma nova área, a área da Educação.

Sempre mencionei que pretendia atingir a Profissão de Professor de Educação Física, e como tal, estou totalmente disponível e com extrema vontade de participação desta etapa da minha vida académica, que é um verdadeiro passo para exercer a actividade profissional que sempre desejei. E, portanto, tudo irei fazer para realizar um belo trabalho, sempre tendo em consideração e consciência da carga de trabalho, dos trabalhos/desafios, obstáculos, oportunidades que encontrarei e me forem propostos.

No âmbito da minha participação na escola e na minha interação com a sua comunidade, devo exercer com o intuito de interiorizar a escola como espaços de

educação inclusiva e de intervenção social, que visem uma formação integral dos alunos para a cidadania democrática. Devo apresentar algum trabalho em funções que importa responsabilidades no desenvolvimento do projeto educativo da escola e dos respetivos projetos curriculares. Perante estes projetos curriculares devo integrar práticas sociais de comunidade, colaborando com todos os intervenientes nos processos educativos, favorecendo o desenvolvimento de relações de respeito mútuo entre todos. Por fim, valorizar a instituição escola perante o desenvolvimento social e cultural, cooperando com outras instituições da comunidade.

Assim sendo, ao contatar com as diversas tarefas e funções a desempenhar no estágio pedagógico, relativamente às dimensões do mesmo (planeamento, realização e avaliação), concluí que apresentava algumas fragilidades de desempenho que me comprometi a ultrapassar, definindo objetivo de aperfeiçoamento, os quais descrevo de seguida:

#### Plano Anual:

- ❖ Analisar e reflectir acerca do programa e compreender situações práticas concretas;
- ❖ Compreender a Dinâmica das rotações, organização da disciplina;
- ❖ Desenvolver o conhecimento em relação ao Programa Nacional da Disciplina, da escola e do meio que a rodeia;
- ❖ Conhecimento das decisões do grupos disciplinar de modo a adequar as estratégias;

#### Unidade Didática:

- ❖ Perceber a realidade heterogénea das diversas turmas e, criar ensino inclusivo, para os diferentes intervenientes e, os seus diferentes níveis;
- ❖ Refletir e analisar a ordem correta da abordagem dos diferentes conteúdos para os alunos, de acordo com o mais significativo para estes;
- ❖ Aperfeiçoamento do conhecimento para enaltecer as minhas estratégias, exercícios, métodos de ensino, etc;
- ❖ Aprofundar conhecimento de matérias onde apresento com pouco domínio;

Plano de Aula:

- ❖ Aprofundar o conhecimento acerca das estratégias de ensino;
- ❖ Criar diferentes estratégias para os diferentes níveis de desempenho/execução dos alunos;
- ❖ Estreitar o Plano de Aula ao que é realmente significativo;
- ❖ Desenvolvimento de capacidades para adequar o tempo de empenhamento motor exato para determinada tarefa.

Instrução:

- ❖ Fechar o ciclo de feedback, verificar o efeito pretendido;
- ❖ Aumentar a frequência do feedback, identificando durante as tarefas. Explicar erros cometidos quando necessários e no momento adequado;
- ❖ Aumentar a frequência de feedbacks;
- ❖ Melhorar as instruções iniciais e finais.

Gestão:

- ❖ Desenvolvimento na forma adequado dos tempos de tarefa;
- ❖ Aperfeiçoamento das adaptações em função do espaço/tempo;
- ❖ Melhorar os tempos de transição entre tarefas e na definição e organização dos grupos de trabalho;
- ❖ Melhorar a formulação dos cuidados e as regras a cumprir nas tarefas;
- ❖ Cuidados a ter perante a autonomia dos alunos na colocação do material de aula (ex. Ginástica);
- ❖ Desenvolver formas de monitorização da turma para adequar o controlo da própria ao contexto da tarefa.

Clima/Disciplinã:

- ❖ Criar exercícios diferentes e motivadores;
- ❖ Comunicar mais com os alunos. Estimular motivação;
- ❖ Quando mais afastado de determinado grupo, fazer com que este grupo sinta a minha presença, e que está continuamente a ser observado;
- ❖ De acordo com as características de cada aluno, devo sempre procurar a facilitação e eficácia do seu processo de aprendizagem de forma levar o aluno a alcançar o sucesso;

❖ Cativar a atenção da turma durante todos os momentos de aula, mantendo sempre uma relação de afeto e de disciplina, simultaneamente, através de discursos e tarefas adequadas que permite desenvolver um clima positivo de aula, propício para a aprendizagem;

#### Decisões de Ajustamento:

- ❖ Aumentar a experiência e conhecimento dos blocos de matérias, adaptando os exercícios, alterando-os sempre que estes não atingem o efeito pretendido;
- ❖ Aumentar o conhecimento das características dos alunos.

#### Avaliação:

- ❖ Aperfeiçoar as estratégias de observação e simplificar as grelhas de registo;
- ❖ Melhorar a capacidade de ao mesmo tempo realizar a avaliação e lecionar uma aula com as características de uma aula normal;
- ❖ Realizar uma avaliação formativa utilizando técnicas e instrumentos adequados, refletindo e adequando a planificação do processo E-A e suas estratégias em conformidade com os dados obtidos;
- ❖ Realizar uma avaliação Sumativa das aprendizagens dos alunos, transformando as observações em classificações exequíveis, justas e rigorosas.

## **1.2. Caraterização da Escola**

A escola é a Escola José Falcão do agrupamento de escolas de Miranda do Corvo, situa-se no Distrito de Coimbra, a 25 Km a sudeste desta cidade, confinando com os concelhos de: Coimbra, Póvoa do Varzim, Lousã, Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Penela e Condeixa-a-Nova.

O concelho composto por 5 Freguesias e abrangendo uma área de 126,98 Km<sup>2</sup>, a sua densidade populacional é de 91,9 habitantes/Km<sup>2</sup>. O concelho tem uma área quase sempre montanhosa.

Este agrupamento é composto por 8 escolas (6 escolas do 1º Ciclo, 1 escola Básica Integrada e 1 Escola Básica 2,3 com Secundário), 1 centro educativo e 7 Jardins de Infância:

- Jardins de Infância - 156 alunos;
- 1º Ciclo – 445 alunos;

- 2º Ciclo – 260 alunos;
- 3º Ciclo – 491 alunos;
- Secundário – 299 alunos.

A Escola EB 2,3 com Sec. José Falcão, Miranda do Corvo tem aproximadamente 700 alunos, e 10 professores de Educação Física, mas três Professores Estagiários. Quanto ao Desporto Escolar, têm 8 grupos/equipas:

- Grupos de Ginástica (Trampolins, Artística e Acrobática);
- Natação;
- Badminton;
- BTT;
- Andebol.

### **1.3. Caracterização do Grupo de Educação Física**

O Grupo Disciplinar de Educação Física da Escola EB 2, 3 c/Sec. José Falcão de Miranda do Corvo é composto por dez Professores de Educação Física e por três Professores Estagiários.

O relacionamento foi sempre bastante positivo, tive o prazer de ter uma relação amigável, num clima de cooperação, entreajuda e boa disposição. Mantínhamos diálogo uns com os outros sempre que havia essa possibilidade, acerca de diversos temas relacionados com o contexto escolar, intervenção pedagógica, entre outros.

Nas reuniões de Grupo Disciplinar a postura do Núcleo de Estágio foi bastante ativa, uma vez que estas reuniões são importantes pois contribuem para a integração, evolução da nossa inserção na escola e proporcionou um contato relevante com experiências desenvolvidas dentro deste âmbito. As vivências com todos os Professores do Grupo Disciplinar revelaram-se muito importantes para crescimento profissional.

#### 1.4. Caracterização da Turma

A turma era constituída por 19 alunos com dezasseis rapazes e três raparigas. A média de idades dos alunos era de 13,37 com a idade 13 em maioria. Na turma regista-se 7 alunos que obtiveram retenção nos anos letivos anteriores, sendo os anos mais afetados foi o 7º, 8º e 6º ano escolar com dois casos cada.

No que diz respeito aos alunos que apresentam problemas que possam incapacitar a prática desportiva, 10 responderam que não têm. Na turma 12 alunos praticam desporto e 7 responderam que não praticam qualquer modalidade desportiva.

Em relação aos pais, a maioria da idade está compreendida 41 e 50 anos. Os encarregados de educação dos alunos, na sua maioria destina-se ao grau Parentesco de Mãe, como 18 registos contabilizados. Em relação à situação Profissional dos pais, para o grau parentesco de pai e mãe, para cada 15 estão empregados. Na turma 12 alunos responderam que Educação Física como disciplina de Educação Física, enquanto, Matemática e Língua Portuguesa apresentam-se como as disciplinas com maiores dificuldades com 6 registos contabilizados para cada Unidade Curricular.

A interação com a turma tornou-se um processo complicado de atingir com sucesso, pois apesar da maioria da turma apresentar-se bastante participativa nas aulas de educação Física e com boa performance para a prática da Atividade Física, existiram alguns alunos que apresentavam constantemente comportamentos desviantes para um bom funcionamento de aula. Este aspeto, prejudicava o desenrolar da aula, as aprendizagens, relação e intervenção dos restantes alunos. Sendo este fator uma das maiores dificuldades que obtive, na qual provocou algum grau de insatisfação.

## 2. EXPETATIVAS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

No âmbito da descrição das atividades desenvolvidas durante este ano letivo, a análise segue as orientações do Guia de estágio Pedagógico 2012/2013, que enquadra as atividades de ensino-aprendizagem em três grandes competências profissionais da prática educativa: Planeamento do Ensino, realização do processo ensino-aprendizagem e Avaliação.

### 2.1. Planeamento

“Um processo de tomada de decisões, através de uma análise da situação e seleção de estratégias e meios, que visa a racionalização das atividades do professor e dos alunos, na situação de ensino-aprendizagem, possibilitando melhores resultados e em consequência uma maior produtividade” (Gomes, 2004)

Partindo de uma sequência lógica, de seguida apresento as elaborações do planeamento anual, das planificações de período (Unidades Didáticas) e de sessão (planos de aula). Neste sentido, as tarefas de planeamento realizadas ao longo do ano letivo foram sempre adaptadas consoante o processo de ensino-aprendizagem às características da minha turma, não só atendendo ao enunciado do Programa Nacional de Educação Física, como também analisando os dados recolhidos em vários momentos, procurando definir objetivos, conteúdos, metodologias e estratégias de ensino a ser adequadas á realidade do contexto que a turma estava centrada.

#### ❖ Planeamento Anual

De acordo com a natureza do planeamento, sendo este um processo que facilita a ação pedagógica, realço a emergência de um conjunto de linha orientadoras, para a construção de um complexo e vasto processo de planeamento, que antecederá e acompanhará a atividade pedagógica.

Planear é sempre um processo de reflexão, tomada de decisão sobre a ação, sendo um processo de previsão de necessidades. É importante racionalizar a

utilidades dos meios materiais e recursos humanos disponíveis, com vista à concretização dos objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações.

O plano anual é um documento de grande importância para o professor de Educação Física, na medida em que vai guiar todas as suas ações e intervenções didáticas durante o ano letivo. Nele estão representadas todas as aulas que irá lecionar, as matérias que irá abordar, a calendarização para todo o ano letivo, e as justificações de carácter metodológico que o levaram a elaborar o plano anual. Desta forma o professor tem o seu trabalho bem organizado e o ano letivo devidamente planeado, com a estruturação dos conteúdos feita da forma que considera ser melhor, tendo sempre em conta o ano de escolaridade que tem pela frente.

Não existem planos anuais perfeitos, por que ao elaborarmos o plano anual temos de o fazer de forma flexível, onde estejam contemplados espaços que permitam ter margem de manobra para a realizar reajustamentos, pois aparecem sempre imprevistos que vão alterar o planeamento traçado inicialmente.

O plano anual de Turma é um instrumento fulcral para a consecução organizativa das várias Unidades didáticas leccionadas ao longo do ano letivo. Esta ferramenta é baseada no Programa Nacional de Educação Física – 3º Ciclo, neste caso, este documento assume um papel importantíssimo para o docente, sendo encarado como uma orientação para a prática Pedagógica.

É importante que os professores no início do ano letivo tenham uma visão de conjunto sobre todo o processo de ensino-aprendizagem a desenvolver no decorrer do ano letivo de aulas. Para isso, o instrumento designado de Plano Anual é muito útil para atingir os objetivos e conteúdos estabelecidos, para isso deve ser ambicioso, comprometer-se, respeitando as características e necessidades da turma. Neste sentido, a elaboração do plano anual constitui-se no primeiro passo e preparação do ensino, ensinando aspetos de desenvolvimento da disciplina e de acordo com o Programa Nacional de Educação Física. A elaboração do planeamento anual definiu-se, também, segundo a caracterização da escola e da turma e pelas opções tomadas pelo Grupo de Educação Física da Escola. O estudo das características da turma no que diz respeito à sua estrutura social, nível educativo (atitudes, valores, interesses, comportamento, disciplina, sentido de cooperação e responsabilidade), atividade desportiva extra, constitui-se um conhecimento de enorme valor para uma intervenção pedagógica mais responsável,

tendo sido realizado através de um inquérito a todos os alunos da turma, para serem colocados, todos os dados, no dossier da Turma, na qual contém os processos individuais dos alunos.

Visto isto, no plano anual realizado, apresento as diferentes matérias de ensino, que foram definidas Núcleo de Estágio, seguindo a concordância do Grupo de Educação Física, para todos os anos de escolaridade, bem como o número de aulas atribuídas para cada rotação de espaço. Seguindo esta definição, conclui-se que a sequência de matérias foi adaptada em função das características física de cada espaço de aula (Badminton – Futsal – Ginástica de Solo e Aparelhos – Atletismo – Voleibol – Basquetebol – Corfebol).

De seguida, defini os objetivos gerais para o ano letivo, consoante os domínios de aprendizagens (psicomotor, cognitivo e sócio-afetivo). Procedi á contabilização das horas de lecionação, tendo em conta os feriados, eventos da escola e da turma, por forma a estabelecer a sequência e volume das diferentes matérias, consoante a rotação de espaços de aula. A definição de momentos e procedimentos de avaliação constitui outra das tarefas indispensáveis ao planeamento pois, são eles que permitem controlar a apropriação de conhecimentos e habilidades descritos no plano, originando correções e decisões no planeamento.

No início deste plano verifiquei que para uma boa caracterização da escola, era fundamental uma planta dos espaços desportivos da escola, bem como referencia à quantidade e função dos diferentes agentes escolares (ex. associação de pais, psicólogos, professores, funcionários, etc).

Em cima afirmei que a avaliação inicial é fundamental. Estes estudos devem estar patentes no planeamento anual, visto que a análise deste mesmo estudo, possibilita um conhecimento mais aprofundado dos alunos ao nível escolar, socioeconómico e familiar. Tudo isto pode influenciar a realização do plano anual.

A calendarização das modalidades deve ser melhor elaborada. Os princípios orientadores que estiveram na base da sua periodização deveriam estar claramente identificados. Quer isto significar que deveria ser dito, de forma explícita que a programação sugerida para o ensino das várias modalidades, no que se refere à sua sequência e duração, teve em linha de conta quer aspetos de ordem externa (rotação dos espaços), quer aspetos definidos internamente após a realização da avaliação diagnóstica. Estes últimos são fundamentais para se poder afirmar que a periodização foi orientada para as necessidades reais dos alunos, levando à

atribuição de maior duração às materiais em que eles apresentam maiores dificuldades.

A análise e leitura deste ficheiro permitiu-me fortalecer o meu ponto de vista acerca da Educação Física enquanto um processo racional, sistematizado e intencional de tornar acessível, a todas as crianças e jovens que frequentam a escola, o conjunto permanente de conhecimentos, hábitos, valores, atitudes e capacidades que constituem o património da cultura física.

#### ❖ Unidade Didática

“A tarefa pedagógica responsável consiste em organizar a aprendizagem de qualquer actividade, de forma a resultar uma formação harmoniosa das habilidades e capacidades subjacentes às suas potencialidades.” (Bento, J.O., 2003).

Na sequência de todas as orientações realizadas no Plano Anual, surgem logo após, as Unidades Didáticas, que se define como uma parte fundamental da Disciplina de Educação Física, no sentido que é muito importante para os professores, para abordar o processo ensino-aprendizagem das modalidades para as turmas. Dirigindo-me para as orientações do Programa Nacional de Educação Física, as situações de avaliação decorrem em torno das atitudes, conhecimentos e procedimentos. Sendo assim, as Unidades Didáticas são pontos essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresenta aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem.

Em torno da Unidade didática decorre a maior parte da atividade de planeamento e de docência do professor.

Os objetivos da unidade didática só podem ser alcançados gradualmente, requerendo por isso uma planificação bem inter-relacionada de todo o seu processo. É uma das melhores formas para o seu planeamento, diz respeito aos objetivos principais de desenvolvimento de personalidade dos alunos, perseguidos no desenvolvimento de uma unidade didática. Nesse sentido é bom que o professor se interrogue sobre: que tipo de componentes da competência motora (formação de determinadas habilidades e capacidades) surge como ponto central; quais as atitudes, comportamentos, interesse, valores e convicções que deve privilegiar e

qual o tipo de relações e conjugações entre aquisição de conhecimentos, desenvolvimento da competência motora e formação de atitudes. Tais predominâncias e relações determinam, em grande medida, a direcção do processo pedagógico.

O planeamento da unidade didáctica não deve dirigir-se preferencialmente para a matéria “em si mesma” mas sim para o desenvolvimento da personalidade (habilidades, capacidades, conhecimentos, atitudes) dos alunos, pelo que deve sobretudo explicitar as funções principais assumidas naquele sentido por cada aula.

No planeamento e preparação da unidade didáctica encadeia-se um outro problema didáctico, já antigo mas extremamente actual: a simplificação didáctica da matéria, isto é, a preocupação de tornar simples o complexo, de reduzir o difícil ao compreensível. O objectivo fundamental consiste numa preparação da matéria de ensino que conduza a uma maior grau de generalização e, deste modo, a uma redução de pormenores. Assim pode ser diminuída a quantidade de matéria a transmitir, mantendo porém as linhas essenciais do conteúdo de suporte da realização dos objetivos de ensino.

Neste sentido, nos Jogos Desportivos a avaliação incidiu essencialmente sobre o jogo como forma para fazer emergir os comportamentos a observar. No entanto, sempre que foi necessário, relativamente aos procedimentos, paralelamente, para aferir aspetos relativos à técnica individual os testes motores incidiram ainda em situações de exercício critério. Nas diferentes Unidades Temáticas o ensino dos Jogos Desportivos foi promovido segundo a metodologia “Teaching Games For Understanding”. Neste sentido, foram propostas situações de jogo (reduzido, condicionado ou formal), procurando resolver os problemas que se colocavam ao aluno no jogo.

Prespetivando esta forma de lecionar e a partir dos objetivos para os três domínios de avaliação (domínio Psicomotor, Sócioafetivo e Cognitivo) foram reunidos aspetos importantes para o desenrolar do processo ensino-aprendizagem. Face aos requisitos apresentados pelos alunos nas avaliações diagnósticas efetuadas para cada matéria, foi necessário, dividir os alunos da turma em três níveis de prática, proficiência e aprendizagem (nível introdutório, elementar e avançado).

Na planificação das seis Unidades Didácticas, persiste uma análise da modalidade, isto é, exposição da história, regras, gestos técnicos principais e

conteúdos técnicos e táticos. Posteriormente, a planificação contemplou a aceção das estratégias de avaliação, segundo as orientações da Área Curricular de Educação Física. Seguidamente, foi efetuada uma descrição, análise e reflexão final dos resultados obtidos nos três momentos de avaliação. Todos estes pontos fulcrais assumem-se como uma ferramenta prática para o desenvolvimento do processo Ensino-Aprendizagem.

No final de cada Unidade Didática, reflete-se o balanço final, onde se pode visualizar a análise da planificação e realização, tendo em conta a definição dos objetivos, a extensão e sequência de conteúdos e as decisões de ajustamento. Neste balanço observa-se as escolhas e seleções de exercícios, assim como, a reflexão do meu desempenho e dos alunos consoante as avaliações iniciais com as finais. Por fim, pode ler-se conclusões acerca do processo de ensino, de que forma devemos aperfeiçoar a intervenção pedagógica e o desenvolvimento nas competências técnicas do ensino.

Por fim, face às decisões do grupo Disciplinar, decidimos (Núcleo de Estágio) lecionar as seguintes matérias: Badminton; Futsal; Ginástica (solo e Aparelhos); Atletismo (lançamento do peso, salto em comprimento, corrida de velocidade, corrida de barreiras, estafetas e corrida de resistência); Voleibol; Basquetebol; e, corfebol.

Concluindo, penso que o fundamental para uma boa elaboração da Unidade Didática, esta deve garantir regularidades dos conteúdos, processos de formação e educação devem ser de maneira sistemática e de continuidade, para ser consultado continuamente pelo próprio professor de Educação Física.

Uma Unidade Didática deve: - determinar a função de cada aula e dispor as vias da sua preparação; - preparar a matéria em função dos valores pedagógicos; e, possibilitar a descoberta de ligações e relações de reciprocidade com outras disciplinas e formas de atividade extra-escolar.

Um professor para um lecionar a longo prazo deve centrar-se na concepção da própria didática, ou seja, deve utilizar os determinados meios, como o plano anual. Em relação a estes métodos, deve definir, de igual forma, objetivos claros, declarar a principal função didática das diversas aulas o que lhe permite encarar diferentes aulas com partes integrantes de todo o processo. Os professores devem melhorar num modo constante os seus conhecimentos acerca de todas as matérias de

ensino, preparando, assim, a matéria tendo em conta a sua transmissão, formação de habilidade motoras e aquisição de capacidade e conhecimentos.

#### ❖ Plano de Aula

A Planificação é o elo de ligação entre pretensões, imanentes ao sistema de ensino e aos programas das respectivas disciplinas, e a sua realização prática. É uma actividade prospectiva situada e empenhada na realização do ensino” (Bento, 2003)

O Plano de aula é visto como um Guia para a ação do professor e tem como função orientar a prática, partindo da própria prática e, portanto, não pode ser um documento rígido e absoluto. A planificação de uma aula envolve diferentes processos e momentos de como planear, que muitas vezes, carece de alterações e contradições.

Ao realizar o plano de aula é necessário considerar três referências: objetivos (o que ensinar?); recursos, grupos de nível, escolhas e duração das tarefas; e, critérios de êxito (o que avaliar?).

Na planificação do ensino, tivemos em conta as quatro áreas fundamentais para a compreensão e classificação do conhecimento profissional para o ensino:

- O conhecimento da matéria, integrando o saber acerca das estruturas dos conteúdos de ensino e aprendizagem;
- O conhecimento pedagógico geral, que inclui o conhecimento e as crenças dos professores, relativamente às aprendizagens, aos alunos, aos procedimentos de gestão da aula e aos conhecimentos relativos aos propósitos da educação;
- O conhecimento pedagógico do conteúdo, que é dividido em quatro dimensões:
  - O conhecimento e convicções acerca dos propósitos do ensino de uma matéria a diferentes níveis de escolaridade;
  - O conhecimento curricular do conteúdo;
  - O conhecimento da compreensão dos alunos, suas concepções e falsas concepções, acerca de determinados temas da matéria;

- E, o conhecimento das estratégias de instrução e representações para o ensino de tópicos particulares da matéria;
- O conhecimento das especificidades do contexto, que envolve o conhecimento sobre os alunos, a organização e cultura da escola e o envolvimento comunitário.

Durante o ano letivo senti que quanto mais rigoroso for na preparação das aulas e na elaboração deste documento, maior será e foi o meu à vontade durante a aula face a termos contemplado um conjunto de hipóteses prévias e sentir que toda a realização da aula tinha subjacente uma reflexão fundamentada.

O modelo de Plano de Aula foi criado pelo Núcleo de Estágio no início do ano tendo em consideração termos estéticos, metodológicos, pedagógicos, sempre sobre a orientação do Professor Orientador Vasco Gonçalves. O Supervisor Científico também colaborou, fornecendo o seu parecer contribuindo, assim, para o aperfeiçoamento e funcionalidade.

Relativamente à estrutura utilizada no plano de aula, este era composto por três momentos:

- Parte Inicial: Após a preleção Inicial, onde eram expostos os objetivos e conteúdos da aula, realiza-se a ativação geral através de exercícios de aquecimento geral e da exercitação de capacidades condicionais, consoante a modalidade a abordar em cada aula, de seguida o aquecimento específico relativo à modalidade a lecionar nessa aula;
- Parte Fundamental: Este momento era essencialmente organização em duas etapas:
  - Exercícios critério (os mesmo em todas as aulas mas sendo introduzidas novas competências aula após aula);
  - E, situações de formas jogadas, jogo condicionado e execução global do jogo. Nas primeiras aulas a turma foi confrontada com o objetivo do jogo, as regras fundamentais, e com os princípios básicos do jogo. Na exercitação de aspetos técnicos do jogo, a minha prespetiva induz sobre a melhoria de competências através de situações muito próximas do jogo, onde é possível ao aluno confrontar sistematicamente com o seu objetivo, com as suas regras fundamentais e com a utilização de todo o teor técnico para resolver situações problemáticas. Numa fase mais avançada

da aprendizagem dos alunos deve-se proporcionar situações de exploração do jogo, apelando ao desenvolvimento da criatividade e do gosto pelo jogo, através da dinâmica de torneio entre os alunos da turma, e situação de jogo reduzido (1x1, 2x2, 3x3, 4x4), conforme a evolução dos alunos, matéria e espaço.

- Parte Final: Retorno à calma, através de diálogo com a turma, lembrando quais os objetivos e os conteúdos abordados. Realização de um balanço das aprendizagens e referir os conteúdos a serem abordados na aula seguinte.

Após o final de cada aula, realizou-se uma reflexão oral coletiva, isto é, diálogo acerca do desenvolvimento da aula com o Co-orientador e os dois colegas de núcleo de Estágio. Neste processo, cada um colocava as suas preleções, desenvolvendo assim uma capacidade de análise. De seguida, os colegas estagiários que efetuavam a observação apresentavam as suas opiniões e sugestões e, por fim, o Professor orientador exponham os seus feedbacks e reflexão final consoante o desenrolar de aula e respetivas análises dos estagiários, bem como, em relação às minhas fundamentações. Todo este contato foi essencial pois permitiu-me adquirir mais aprendizagens e ao mesmo tempo aplicar essas mesmas para, assim, continuar a evoluir a nível pessoal, académico e profissional.

A reflexão individual, também esteve sempre presente. Este elemento intercalou com todas as opiniões dos envolventes descritos em cima, mas principalmente á minha auto-observação relativa às dimensões de intervenção pedagógica, apresentando os aspetos positivos, fundamentando as dificuldades obtidas, admitindo possibilidades de melhoria para as mesmas situações.

## 2.2. Realização

“O docente eficaz é aquele que encontra os meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o objectivo, durante uma percentagem de tempo elevada, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas, negativas ou punitivas. As quatro dimensões do processo Ensino-Aprendizagem estão sempre presentes de uma forma simultânea em qualquer episódio de ensino.”

(Siedentop, 1998)

É importante que o docente tenha em conta alguns aspetos aquando da realização do seu trabalho, para que o faça de forma eficaz: a percentagem de tempo elevado consagrado à matéria de ensino; uma taxa elevada de comportamentos diretamente em relação com as tarefas a aprender; o desenvolvimento de um clima afetivo positivo na classe; uma boa adaptação do conteúdo de ensino às habilidades dos alunos; desenvolvimento de estruturas de trabalho (organização) que favoreçam o empenhamento sem alterar o clima positivo.

#### ❖ Instrução

Esta dimensão é formulada consoante os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica que fazem parte do reportório do professor para estabelecer toda a informação necessária.

Ao longo do ano letivo o discurso tornou-se mais fluido e coerente, a confiança nos alunos aumenta, criando um clima de mais descontração que refletiu-se no diálogo. O fato da organização da aula ficar mais clara, para o estagiário, ajuda a que as preocupações iniciais da aula sejam menores, podendo assim colocar toda a sua atenção no discurso inicial. A evolução é notória na importância e relevância da instrução dada, no início as instruções iniciais baseavam-se na apresentação dos conteúdos a serem abordados e na explicação dos exercícios iniciais, sendo esta muito rápida e incompleta. Ao longo das aulas, a referência a gestos técnicos começou a ser notória, a descrição dos mesmos, o questionamento dos alunos e a realização da ponte com aulas anteriores, nomeadamente exercícios que mostraram mais dificuldades e erros mais pertinentes. Nas primeiras aulas de cada Unidade Didática, o tempo disponibilizado para a instrução inicial deve ser sempre um pouco superior às restantes, de modo a que não haja dúvidas relativamente ao funcionamento da aula e esta decorra sem paragens forçadas.

Para obter sucesso das aprendizagens dos nossos alunos deve-se estabelecer o que é essencial e necessário. O que é recomendado e a informação acerca da resposta. Em habilidades motoras é importante que esta informação ajude o aluno a realizar determinados ajustes antes de executar a habilidade novamente. Se o aluno realizar tipos apropriados de correções, na quantidade correta, suas respostas tornarão completamente satisfatórias e corretas. A informação acerca de uma resposta torna-se essencial para a Aprendizagem. Neste sentido, deve-se

estabelecer de forma eficaz a manipulação do conhecimento de execução de habilidades motoras. Portanto, o conhecimento do resultado é importante como informação para dirigir a correção do erro, sendo vital para a aprendizagem dos conteúdos técnico-táticos.

O controlo ativo da prática é, sem dúvida, outro dos aspetos importante desta dimensão que se prende coma gestão, quanto melhor colocado estiver o professo melhor vai ser a observação, instrução, disciplina e clima. Como mais um fato existe o aperfeiçoamento da utilização do feedback pedagógico, que se prende também como a dimensão disciplina e clima, para puder interagir com todos os alunos, este deve ter caráter informativo e de motivação, se descritivo, prescritivo, interrogativo, de lembrança e afetivo. Ainda ligado ao feedback, este deve ser pertinente, deve ter qualidade e deve proporcionar as soluções para o aluno executar bem e acompanhar a prática consequente do feedback.

O conteúdo do feedback deve se igualar e estar ao alcance do que o aluno pode controlar. Uma informação poderia causar uma alteração na execução do movimento. De qualquer forma o feedback sobre os aspetos do programa é difícil para os alunos utilizarem, mas é muito importante na modificação de programas motores incorretos. O feedback sobre as variáveis e sequências do programa motor, a organização temporal, promove modificações na estrutura. O feedback produz uma função de dependência, que melhora a performance quando está presente, mas permite que se danifique quando for retirado tardiamente. Isto é muito bom quando a orientação está presente, mas o aluno pode aprender a depender dessa orientação. Por este motivo é que se deve levar em conta a forma, a periodicidade, a frequência, a magnitude, a direção e a precisão na estrutura do feedback, de modo a minimizar a dependência.

#### ❖ Gestão Pedagógica

A gestão de uma intervenção de prática Pedagógica consiste num comportamento do Professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula, um número reduzido de comportamentos inapropriados e, o uso eficaz do tempo de aula. A gestão respeita vários aspetos a controlar: o clima emocional da turma, a gestão do comportamento dos alunos e a gestão das situações de aprendizagem. A gestão compreende um conjunto de

técnicas de intervenção pedagógica que ao serem bem aplicadas produzem índices de envolvimento dos alunos elevados reduzindo o comportamento inapropriado por parte do aluno, utilizando o tempo de aula de forma mais eficaz. “O empenhamento motor do aluno nas tarefas que lhe são propostas representa uma condição essencial para facilitar as aprendizagens” (Piéron, 1996). Foi notória a preocupação de rentabilizar a aula procurando, a diminuição dos tempos de transição, períodos breves de instrução maximizando o tempo de empenhamento motor em cada aula. Obviamente que o conhecimento da turma surge como uma peça fundamental para melhorar no âmbito da gestão, no entanto articular o conhecimento da turma com os pontos referidos anteriormente pode ser muito positivo para a aula de Educação Física.

O fato de trazer os grupos homogêneos/heterogêneos previamente definidos para a aula, realizar períodos de preleção entre tarefas claros e sucintos e controlar a turma de forma correta e adequada à disposição dos alunos e ao espaço disponível procurei ir ao encontro deste objetivo. Aqui, importa essencialmente referir que ao rentabilizar o máximo do tempo previsto para a aprendizagem não proporcionei a existência de alunos sem prática motora o que também beneficia em termos de disciplina pois esses estariam mais predispostos a evidenciar comportamentos inapropriados.

As transições eram bastante rápidas, muito pelo fato de ser realizadas por grupos de trabalho, de modo a evitar a paragem e a reunião de toda a turma, onde se perde bastante tempo. Os exercícios não mudavam muito da mesma Unidade Didática, nas primeiras aulas o tempo gasto para a explicação era um pouco maior, mas nas aulas seguintes os alunos como já tinha consolidado os exercícios evitando, assim, uma nova explicação.

#### ❖ Clima/Disciplina

O clima da aula deve ser de liberdade e de tolerância, de modo a permitir que os alunos tomem consciência dos seus valores e ajam em sintonia com eles. A autonomia conduz à autodisciplina, não significando, no entanto, que o professor tenha uma atitude de indiferença, ou de apatia perante os alunos. Pelo contrário, as suas atitudes, embora democráticas, devem ser firmes (Estrela, 1992). Tradicionalmente o clima da aula era caracterizado, pelo sossego, pela criação de um

grupo de estudantes obedientes, que participavam na aula como meros recetores. Hoje, vive-se numa sociedade em que a unidade familiar se encontra desgastada, sem que o lar possa oferecer conforto, uma vez que os pais, graças às deslocações para o emprego e às longas jornadas de trabalho que lhes asseguram a subsistência, deixam de estar presentes nos momentos mais difíceis (Silva, 1995). Na dimensão do clima encontra-se, ainda, a preocupação em promover comportamentos responsáveis, aceitando as consequências dos compromissos assumidos, demonstração e exigência de comportamentos baseados em valores e padrões éticos explícitos e a promoção da cooperação entre os alunos. Esta dimensão está inteiramente ligada ao entusiasmo do professor dos alunos na aula é uma das formas de promover um clima positivo, a interacção, de modo positivo, interessado, inovador e encorajador, pelo aluno é uma forma de proporcionar ao aluno realmente motivos de interesse e motivação na aula.

A Escola não deve ser uma multidão, ou seja, um simples aglomerado de indivíduos acidentalmente reunidos. Dado que, sem disciplina, existiria a confusão, a revolta, a anarquia, aquela impõe-se como uma autoritária necessidade social, visto que assegurará a autoridade do professor, o comportamento dos alunos e a eficácia do ensino.

Segundo Siedentop (1998), “Não há dúvida que um sistema de organização eficaz e boas estratégias disciplinares criam uma atmosfera na qual é mais fácil aprender”.

Esta dimensão é condicionada por três tipos de fatores: fatores estruturais (escolaridade obrigatória, número de alunos por turma e autoridade do professor), fatores sociais (poderes dos professores e dos alunos) e fatores pessoais (objetivos individuais, estilos de ensino e estratégias de aprendizagem).

A disciplina é uma das dimensões mais importantes do processo de ensino-aprendizagem e também a que gera mais discussão atualmente. Foi sem dúvida um tema muito discutido ao longo do estágio pedagógico. Quando surgiram casos de indisciplina foi frequente interagir com o aluno em causa de modo a perceber que tinha acontecido e foi sempre explicada uma solução para cada situação específica, sempre tentando manter um clima positivo identificando várias razões que levassem o aluno a perceber atitude incorreta e a procurar motivá-lo a modificar esse comportamento no futuro. Siedentop (1998) referencia dois tipos de indisciplina muito frequentes nas aulas de Educação Física, que acabaram por ser uma

realidade durante o ano letivo, os atrasos e o aluno exibicionista. Refere que nem sempre uma abordagem negativa ao aluno é o caminho mais eficaz para corrigir esse comportamento, pode mesmo acontecer não ser necessário recorrer ao confronto com o aluno para que ele queira modificar esse comportamento.

Os alunos diferem uns dos outros na forma como reagem e aceitam os vários estilos de ensino. Alguns são mais adaptáveis do que outros. Ao longo deste ano pude verificar que os alunos comportam-se de modos diversos no espaço de aula: os desejosos de atenção, os trabalhadores intermitentes, os trabalhadores solitários e os colaboradores silenciosos. Mas não se pode esquecer os alunos aborrecidos ou aversos, cuja estratégia principal pode ser a do comportamento disrutivo.

A maioria dos alunos vai agindo sempre em conformidade com o estilo de comunicação que lhe for pedido, desde que descubra qual é, e procura dar respostas coerentes com os estímulos que lhe são propostos. Contudo, se os alunos prevêm não receber nenhuma recompensa, são capazes de entrar em combinação para provocar turbulência e interromper o processo da aula.

Finalizando a indisciplina pode ser reduzida se os professores se tornarem organizadores mais eficazes da aula, se tiverem uma boa formação científico-pedagógica e uma boa capacidade relacional com os alunos.

#### ❖ Decisões de ajustamento

As alterações decorrem também aula após aula, devido às reações dos alunos a determinados exercícios e à sua evolução. Estas alterações dão-se também durante a própria aula, ou por o número de alunos, a fazer aula, ser reduzido e modifica-se alguns aspetos da aula, ou porque determinado exercício não está decorrer como se espera e terá que se alterar.

Muitas vezes, também as condições climatéricas fazem com que se tenha que tomar decisões de ajustamento, de modo a poder-se lecionar na mesma, adaptando a aula a um espaço diferente, ou até criando uma aula totalmente nova (ex. Aula teórica). É muito importante num professor, a capacidade de ajustamento rápido às situações inesperadas que surgem, o professor não se deve manter seguro ao plano de aula, pois faz com que, quando necessário, a sua capacidade de alteração não esteja apta. Na aula e perante situações imprevistas, não muito complexas, deve-se ter a capacidade de adaptação, ajustando a aula sem perder de vista os objetivos

definidos e o essencial da mesma. É fundamental para efetuar uma boa decisão de ajustamento perceber o que não está a correr bem e qual a melhor forma de o corrigir de forma adaptada. A capacidade de ajustamento é algo que se adquire com o tempo de prática, vão se criando estratégias que permitem reajustamentos corretos, simples e rápidos. Obviamente, que no ano de estágio não se exige decisões de ajustamento perfeitas, no entanto tendo em conta a inexperiência de um estagiário perante determinadas situações, é algo que evoluiu ao longo do tempo e tem tendência a melhorar.

### **2.3. Avaliação**

“O nível de performance no ensino melhora à medida que professores em formação têm a oportunidade de práticas técnicas específicas e obtêm um feedback fiável quanto ao progresso conseguido pelos alunos na consecução dos objetivos previamente definidos” (Siedentop, 1998)

Segundo o despacho normativo nº 6/2010, de 19 de Fevereiro, que define a avaliação como um “elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequada à promoção da qualidade das aprendizagens”.

O sistema de avaliação das aprendizagens previsto em Portugal possui uma natureza progressista e inovadora, procurando adequar-se às realidades do sistema educativo.

No processo de ensino e aprendizagem é de salientar a capacidade e competências do professor em desenvolver as prioridades dos alunos. Lídia de Carvalho (1994) cita de uma forma pragmática “ O que é que o professor ensina? – O que os alunos precisam.” Isto implica que o professor conheça as prioridades dos alunos, as defina e consiga planear objetivos de aprendizagem, a partir destas. Estas prioridades são definidas através da avaliação inicial que Ribeiro e Ribeiro (1990) definem com o “objetivo fundamental de proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” Este processo leva a que os docentes precedam ao planeamento do ano letivo, elaboram metas de aprendizagem para os alunos,

conforme as capacidades de cada um. Quando o recolher de informações ocorre no decorrer do ano, em que permite a regulação da forma como os alunos estão a desenvolver as suas capacidades que visem as metas definidas, estamos no campo da avaliação formativa, quando se pretende a classificação dos alunos em função do grau de desenvolvimentos dos objetivos planeados anteriormente, encontramos-nos com clareza na avaliação sumativa. A avaliação, sendo assim, trata-se de uma referência fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

#### ❖ Avaliação Diagnóstica

O que ocorre no início do ano é um Planeamento, um guia que orienta o professor para o decorrer do ano letivo. Pode acontecer uma redefinição do objetivos a alcançar, ou por mérito do aluno que conseguiu atingir aquela meta mais rápida que o esperado ou por uma má adequação por parte do professor no estabelecimento do objetivo.

Após realizada a prestação inicial do alunos, selecionei objetivos/metos de aprendizagem adequadas para a turma e/ou grupos de nível diferentes de alunos; calendarizei as atividades ao longo do ano eu deverá começar a trabalhar mais cedo e/ou as que tem de destinar mais tempo, consoante o nível dos alunos se afaste mais do Programa Nacional; organizei as atividades dos alunos que necessitam de maior acompanhamento. No geral a avaliação diagnóstica permitiu-me perceber e proceder, antes do início de uma Unidade, as ações de recuperação ou de remediação do que não foi aprendido anteriormente e é agora condição necessária; permitiu-me agrupar os alunos, de acordo com a proficiência que demonstraram nos resultados das provas diagnósticas, no sentido de responder as necessidades específicas do grupo; e, identifiquei, durante o decorrer de uma Unidade, causas do insucesso de alguns alunos.

### ❖ Avaliação Formativa

Esta característica de avaliação deve fazer parte integrante do ensino e da aprendizagem e estar relacionada com: a autoavaliação, e autorregulação das aprendizagens por parte dos alunos; a utilização de uma diversidade de estratégias e instrumentos de avaliação; participação dos alunos e de diversos intervenientes no processo de avaliação; a transparência de procedimentos; definição de critérios relativos às competências a desenvolver; e, o feedback que os professores devem proporcionar aos alunos de forma sistemática. Se efetuarmos fundamentos em perspetiva às decisões pedagógicas tomadas pelo professor e se relacionarmos com as aprendizagens apreendidas pelos alunos estaremos a melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

A Avaliação formativa permitiu-me obter dados rigorosos ao longo do processo, na qual retive meios didáticos adequados a cada aluno e permitiu regular o meu processo ensino-aprendizagem.

Ao elaborar as minhas estratégias de avaliação formativa tive em conta os seguintes aspetos: - definição das aprendizagens que era necessário observar; - recolha dos processos a utilizar na recolha de informações; - definição de princípios a adaptar na interpretação dos dados; e, por fim, determinar o caminho a seguir no processo ensino-aprendizagem.

Estas estratégias visam atingir as etapas fundamentais da avaliação formativa, segundo um processo de individualização dos modos de ação e interação pedagógica: recolha de informação, interpretação das informações e adaptação das atividades de ensino e aprendizagem.

### ❖ Avaliação Sumativa

A Avaliação Sumativa consiste na formulação de um juízo de valor sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular (Despacho Normativo nº 50/2011). Este momento avaliativo complementa todo o processo desenvolvido na Avaliação Formativa, na qual, surge uma análise a fim de aferir todo o processo de aprendizagem. Nesta linha de pensamento a Avaliação Sumativa tem uma função específica de

certificação e qualificação que possibilita a atribuição de uma nota final tendo em consideração todo o percurso realizado anteriormente.

O Instrumento que utilizámos na Avaliação Sumativa das Unidades didáticas refere-se a um ficheiro Excel de registo, com o intuito de avaliar as aprendizagens realizadas pelos alunos ao longo da Unidade Didática. Ao longo do ano letivo, no âmbito de algumas modalidades procedemos ao ajuste de algumas componentes presentes neste instrumento, face à especificidade do contexto em que iriam ser aplicados, nomeadamente no que diz respeito ao material e espaço disponível e ao nível de proficiência e progressão dos alunos durante a Unidade Didática. Esses reajustes serão salientados e justificados posteriormente neste relatório, no tópico de justificação das opções tomadas.

Para efetuar a avaliação sumativa, que foi realizada no final de cada Unidade didática, utilizei sempre duas aulas (uma de bloco de 90 minutos e outra de 45 minutos). Nestas aulas verifiquei a eficácia do processo ensino-aprendizagem e determinei o nível psicomotor pelos alunos segundo os critérios definidos no início do ano letivo. Ainda se deu o registo de presenças nas aulas, pontualidade, comportamento e empenhamento nas tarefas, permitiu a reunião final de dados que sustentaram a avaliação do domínio Sócioafetivo. Para a avaliação do Domínio Cognitivo foi aplicado por cada Unidade didática um teste de avaliação de conhecimentos. No final de cada período escolar, os alunos preencheram uma ficha de Auto-avaliação, de forma a valorar a capacidade de auto-reflexão e tornar os alunos activos no processo de avaliação.

#### **2.4. Avaliação da Condição Física**

Este campo destinado à aptidão física dos alunos foi determinado dentro do Grupo Disciplinar de Educação Física, que se devia proceder à aplicação dos testes de condição Física no início do Ano Letivo, sendo este procedimento destinado a uma avaliação inicial da performance dos alunos no âmbito desta vertente pedagógica. Para além deste procedimento, no final do ano letivo realizou-se a Avaliação Final, comparando resultados com a avaliação da aptidão inicial dos alunos.

A introdução do momento Avaliativo Final parece-me cumprir os objetivos, já que os resultados recolhidos e comparados com os registos da Avaliação Inicial permite

utilidade e fiabilidade, muito devido ao espaço de tempo entre uma avaliação e outra. No meu ponto de vista, penso para a avaliação da condição Física dos alunos parece ser gratificante possuir a existência de um momento de Avaliação Inicial, o que permite recolher dados que regulem o processo. Neste sentido, para que o impacto desta experiência possa conduzir os alunos ao compromisso e sobretudo à valorização da aprendizagem dos processos pertencentes às capacidades condicionais, o que prevalece da manutenção da condição física, é importante que sejam transmitidos em tempo útil os resultados dos alunos.

## **2.5. Componente Ético-Profissional**

A Ética, derivada da palavra grega “ethos” que significa “modo de ser”, é aceite como um conjunto de regras que orientam o relacionamento humano no seio de uma determinada comunidade social que neste caso se constitui como a comunidade escolar.

Esta componente surge numa dimensão paralela à da intervenção pedagógica e tem uma importância fulcral no desenvolvimento do agir profissionalmente num futuro próximo como docente. Estes valores de ética e profissionalismo deverão ser grandezas a reter ao longo da nossa vida enquanto Professores. Ao longo deste percurso fiz por responder da melhor forma a um conjunto de competências que não se podem fragmentar desta componente. Demonstrei capacidade para trabalhar individualmente e coletivamente, assumindo o cumprimento dos compromissos comuns e individuais dentro dos prazos.

No início do ano tinha a consciência do papel a desempenhar enquanto Professor e enquanto elemento da comunidade escolar, perante isto, assumi uma postura responsável perante o trabalho e os diversos atores da comunidade escolar.

Por fim, importa salientar que procurei desde sempre não só assumir uma apresentação e conduta pessoal adequada, como também promover estes valores nas pessoas que nos rodeiam, nomeadamente no que diz respeito aos nossos alunos.

### 3. JUSTIFICAÇÃO DAS OPÇÕES TOMADAS

“Os professores eficazes deferem dos outros porque acreditam que o propósito da escola é promover a aprendizagem dos alunos. Os professores eficazes conseguem que os alunos aprendam e acreditam que a sua grande responsabilidade é ajudá-los a aprender.” (Cohen, Randenbush e Ball 2003 cit. Cardoso)

No início do ano lectivo, após a reunião do Grupo de Educação Física, que consistiu em reformular os objetivos e critérios de êxito para cada uma das modalidades e para cada um dos anos de escolaridade, bem como a elaboração do documento da rotação de espaços, iniciei o processo de planeamento. Seguidamente, deu-se uma reunião com o Co-Orientador, onde foram atribuídas as turmas ao Núcleo de estágio para a lecionação no presente ano letivo. Após a reunião, iniciei todo o processo que envolveu tarefas a realizar, como base de um uma boa elaboração do planeamento tive documentos elaborados pelo respetivo grupo, a caracterização da escola e turma.

As matérias foram seleccionadas partindo das indicações estipuladas pelo Grupo Disciplinar de Educação Física. Neste caso definiu-se que o sistema a elaborar planificações e planeamento seria consoante a periodização por blocos de matérias. Neste sentido fiquei a par de todos os procedimentos que são necessários para a escolha dos mesmos. Sendo uma temática do interesse de todos os docentes de educação física, todas as opções são tomadas dentro do departamento e tem de ter em conta um conjunto de fatores que complexifica as opções. Hoje em dia, tenho perfeita consciência que elementos como as condições temporais, espaciais, materiais e tradições desportivas da zona são parâmetros que assumem um papel primordial na escolha das matérias escolhidas.

Para uma aprendizagem mais eficaz, para a obtenção dos objetivos, seguiu-se a partir da avaliação Diagnóstica, que permitiu organizá-los face às características da turma.

No que respeita a construção do plano de aula, segundo orientações, este adoptou uma estrutura dividida em três momentos. A parte inicial optei sempre que possível por realizar exercícios que não só permitissem uma elevação da temperatura e preparação das estruturas articulares, como também apresentassem

um carácter específico da modalidade, permitindo abordar desde logo conteúdos (de uma forma simplificada), essenciais para atingir os objetivos da aula. Com esta opção, consegui ir ao encontro de um aumento do tempo de empenhamento motor, contribuindo para a realização das tarefas.

Na parte fundamental da aula, a estratégia passou por proporcionar uma complexidade de tarefas, estilos de ensino e feedbacks de forma diferenciada face aos grupos de nível e as suas dificuldades/especificidades evidenciadas, sendo esta opção justificada pela necessidade de promover a inclusão e diferenciação como forma de rotura com o ensino massivo. Desta forma optei pela realização de tarefas de aprendizagem em grupos heterogéneos. Esta opção surgiu face a não promover um afastamento total entre os grupos durante toda a aula, promovendo situações que permitissem não só aumentar os níveis de motivação e empenho essencialmente dos alunos com mais dificuldades, como também esperando que estes adquirissem aprendizagens pelo fato de realizarem os exercícios com os colegas que apresentavam um nível de proficiência psico-motora mais elevada.

A parte final da aula foi dedicada à arrumação do material e verificação da aquisição de conteúdos.

No decorrer da parte fundamental, aquando da lecionação das modalidades Desportivas coletivas (Futsal, voleibol, basquetebol, corfebol) e da modalidade de raquetas (badminton) houve uma intenção de minha parte apresentar tarefas que não ao encontro das situações imprevisibilidade situacional – O Jogo. Neste sentido, abordei a filosofia metodológica de *Teaching Games for Understanding, desenvolvida por Bunker e Thorpe (1982)*. Este modelo tem como objetivo passar a vê-lo como um espaço de resolução de problemas e não como um momento de aplicação de técnicas isoladas. Para concretizar este objetivo, disponibiliza-se adaptação de formas de jogo apropriadas ao nível de compreensão e das capacidades de intervenção dos alunos. Esta adaptação dos exercícios em formas de jogo, realiza-se através de quatro princípios: - seleção do tipo de jogo; - modificação do jogo por representação; - modificação por exagero; - e, complexidade tática. Acrescentar que este modelo afirma que não anula na sua totalidade o ensino da técnica, mas reflecte alguma importância na parte do desenvolvimento do aluno em situações de compreensão do próprio jogo, “demonstrado pelo reforço do comportamento intencional, reconhecendo o carácter situado das habilidades e do seu uso estratégico” (Graça; Mesquita, 2009).

Por outro lado, em relação às modalidades individuais (Ginástica de solo, Aparelhos e Atletismo), foram propostas progressões e situações de aprendizagem para promover a aquisição dos conteúdos. Relativamente à lecionação as matérias/disciplinas foram abordadas sob a forma de estações (atletismo) e circuito (Ginástica). Estas estratégias pedagógicas permitiram um maior tempo de empenhamento motor, um maior dinamismo, uma maior liberdade do ensino-aprendizagem e uma maior concentração e interação professor-aluno. Sendo que o grau de complexidade e especificidade das tarefas aumentou de forma progressiva no decurso das aulas, a aprendizagem foi sempre proposta do simples para o complexo (nível introdutório, elementar e avançado).

Referir ainda a incidência da aptidão Física, onde foi determinado pelo Grupo de Educação Física e pelo Núcleo de Estágio da Escola que se devia proceder à aplicação dos testes de condição Física, no âmbito do Fitnessgram, no início do ano letivo (Avaliação da prestação inicial do alunos) e no fim do ano letivo (Avaliação da prestação final do alunos). No que diz respeito a este fato e, como já referi, durante todas aulas, numa primeira parte de aula (fase inicial) o aquecimento geral definia-se pela exercitação das capacidades condicionais, a fim de, proporcionar uma preparação ativa aos alunos para a avaliação final a ser executada.

Estas estruturas influenciaram eficazmente a aprendizagem dos alunos e a gestão das aulas, na qual pretendi otimizar o tempo útil de aula com o intuito de aumentar o tempo potencial de aprendizagem. Para isso, apresentei uma escolha de exercícios que envolvesse uma boa organização dos alunos pelo espaço de aula. Outra estratégia que utilizava foi o fato de levar para a aulas as equipas já constituídas, este aspeto, prevaleceu a redução do tempo de organização da aula.

Na abordagem à organização das atividades e transição entre tarefas optei por criar rotinas, a fim de, originar dentro da turma uma ordenação da aula mais simplificada. Muito sinceramente acredito que a criação de rotinas tem vantagens notórias, que se traduzem em ganhos temporais significativos, possibilitando ter um tempo útil de aula bastante superior.

#### 4. ENSINO DA APRENDIZAGEM

“Os Professores mais eficazes acreditam que os alunos conseguem aprender e assumem que a sua grande responsabilidade é ajudá-los a aprender”

(Judith Rink, 1996)

Ao nível da intervenção pedagógica houve um grande número de aprendizagens e uma grande evolução ao longo do ano letivo. De um nível baixo de experiência no âmbito da prática pedagógica de Educação Física passei a um nível bastante positivo para a lecionação da mesma.

Neste campo procuro refletir sobre as aprendizagens realizadas como estagiário, o compromisso com as aprendizagens dos alunos e a inovação realizada nas práticas pedagógicas.

##### 4.1. Aprendizagens realizadas como Professor Estagiário

Na minha opinião um Estágio Pedagógico obedece uma lógica sequencial de formas e momentos relativo à aprendizagem, isto é, a sua função serve para vivenciar situações e aprender como as proceder de uma forma correta. Portanto o estágio serve para proceder a experimentações e só depois perceber se as estratégias experimentadas são adequadas ou não, se errámos ou realizámos com êxito todos os atos/ações.

Ao longo desta etapa, sempre deu o meu máximo, procurei sempre encontrar, após várias leituras e análises, as melhores soluções para cada situação. Nesta realidade tive a felicidade de obter várias ajudas e feedbacks estabelecidos pelos meus dois colegas de estágio e, principalmente, pelos meus orientadores que manifestaram um papel gratificante, esclarecendo os seus pontos de vista sobre as variadas situações para que um Professor (neste caso Professor estagiário) pondere sobre essas mesmas circunstâncias e situações. Portanto, tanto o Professor Vasco Gonçalves (Co-orientador) e o Professor José Pedro Ferreira (Orientador) tiveram essa função importante no desenvolvimento da minha aprendizagem e evolução do meu trabalho enquanto professor estagiário.

Surge, então, a necessidade de refletir sobre as aprendizagens adquiridas. Neste sentido, vou elaborar este capítulo com reflexões ao processo de planeamento, condução e avaliação do ensino-aprendizagem.

Assim, quando ao planeamento obtive uma oportunidade nunca antes exercida, que foi o fato trabalhar com o Programa Nacional de Educação Física, adaptando ao contexto real. Perante este momento percebi melhor como é que se realiza uma caracterização da turma e promover melhor a forma como me confrontar com os diferentes alunos, tanto dentro de aula como fora. Relativamente à lecionação das aulas utilizei exercícios, estratégias e metodologias no planeamento das minhas Unidades didáticas e aulas, após analisar reflexivamente as observações das aulas dos meus colegas de estágio, bem como, das aulas do meu Orientador de Escola. As unidades curriculares da Licenciatura em Ciências do Desporto foram benéficas para a elaboração das minhas planificações, utilizando os estilos de ensino mais adequados à certas abordagens dos conteúdos. As disciplinas que tive no primeiro ano do Mestrado de Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, também, foram importante no sentido de colocar em prática, no “terreno”, todo o conhecimento obtido, relativamente, aos momentos e funções de avaliação, Modelo de Educação Desportiva e o Modelo “Teaching Games for Understanding”. No entanto, encontrei-me ao longo deste ano muito aberto às sugestões do orientador de escola, especialmente, à forma como abordar a matéria de Ginástica.

No que diz respeito à instrução, melhorei a sua qualidade e pertinência, através das preparações longas. Minimizei o tempo utilizado na instrução, garantido, porém, a sua qualidade. Ao longo das aulas percebi que por vezes para não perder tempo com algumas demonstrações, principalmente, nas aulas de minutos podia demonstrar eu próprio. Por fim aperfeiçoei capacidade de observar e analisar pedagogicamente os alunos, o que permitiu melhorar a conformidade de estabelecimento de Feedback. De uma forma geral, os feedbacks fornecidos no decurso da interação pedagógica, em situações reais operou simultaneamente em três tipos de influências fundamentais, sendo que obtive, por vezes, dificuldades em separá-las na prática: Motivação (levava o aluno a aumentar o esforço e participação mais ativa); Reforço (par ações corretas e incorretas, sendo respetivamente positivo ou negativo); e, informação dos erros que serviram de base par a correção. O fecho de feedbacks foi algo de trabalho árduo, sendo que, demorei algum tempo para perceber bem como utilizar pedagogicamente, mas fui percebendo e experimentado,

questionando os alunos e de cada vez que fornecia um feedback positivo permanecia, perto do aluno para observar a nova execução.

Quanto à Gestão de recursos criei rotinas, aproveitando esse fato para potencializar o tempo de empenhamento motor, de aprendizagem, diminuindo os tempos de transição de tarefas. Diversifiquei a constituição dos grupos, atendendo à diferenciação pedagógica, à necessidade de adequar as progressões pedagógicas, em função dos grupos de nível criados. Neste sentido, procurei realizar a constituição dos grupos/equipas em casa, uma vez que diminuía o tempo de organização. Perante a constituição dos grupos, percebi que a sua formação teria de ser direcionada para grupos homogêneos, uma vez que pretendia igualar o tempo da atividade motora e adequar o grau de dificuldade das tarefas/conteúdos ao seu nível de proficiência. No entanto, numa pare final da leção das matérias, difundi a realização dos exercícios segundo grupos heterogêneos, a fim de promover aspetos de cooperação, entreajuda entre grupos diferentes.

Na dimensão clima/disciplina, desenvolvi condutas de controlo ativo da turma de forma a facilitar o processo comunicativo e conservar a atenção. Enaltecer pelo lado negativo, que turma apresentou uma forma regular nas suas atitudes e comportamento desviantes para um bom funcionamento da aula. Foi uma vertente pedagógica que me proporcionou grande dificuldade ao longo do ano letivo. Percebi que deveria intervir sistematicamente não deixando passar comportamentos inapropriados, sendo mais rígido utilizando diversas estratégias de repreensão, no sentido de perceber qual seria a mais eficaz para anular o nível de indisciplina. Numa outra vertente desta dimensão, melhorei na forma de comunicar, falando mais devagar e não projetar muito a voz.

No âmbito da avaliação fui adquirindo competências de observação, de síntese das informações recolhidas e capacidade de transformação dos dados de forma a melhorar o ensino face às aptidões dos alunos, ao longo dos vários momentos avaliativos. E, aumentei aquisição de desenvolvimento do instrumento de avaliação, ficheiro de Excel, onde potenciou a análise do processo avaliativo.

## 4.2. Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos

Na intervenção pedagógica tem atribuído cada vez mais espaço aos conceitos de diferenciação, adequação e flexibilidade. Assim, acredito ser possível definir diferentes caminhos para que as aprendizagens sejam bem-sucedidas (diferenciação), procurando modos de adequação a cada situação concreta (adequação) e contextualizando dentro de um quadro de referência que estabelece balizas e orientações claras em termos de competências essenciais as experiências de aprendizagem para os alunos (flexibilidade).

Durante as aulas, o fato de proporcionarmos tarefas, tempos e sequências de aprendizagem diferenciados e optarmos por estilos de ensino adequados às características únicas dos diferentes grupos evidenciados, permitiu-nos orientar o processo de ensino no sentido de promover as aprendizagens de todos os alunos. Por sua vez, a instrução e feedback diferenciado procuraram desde logo proporcionar uma individualização do ensino face às necessidades e especificidade de cada aluno.

Para a manutenção de um clima agradável, é necessário estabelecer o tipo de feedback a fornecer. Neste sentido tentei sempre facultar feedbacks positivos, encorajando os alunos a fazer melhor. Os feedbacks individuais e específicos aos alunos são aqueles que produzem mais resultados, tendo eu o cuidado de observar com atenção os desempenhos dos alunos da turma por forma a corrigi-los e guiá-los de forma pertinente. No entanto, não descartei o fornecimento de feedbacks de grupo. Nesta vertente, centrei-me no estabelecimento a aspetos fundamentais dos conteúdos lecionados, transmitindo os critérios de êxito que, de forma instintiva, levassem os alunos á execução correta.

O controlo do Processo Ensino-Aprendizagem deve muito aos três momentos de avaliação: Avaliação Inicial (para diagnosticar e prognosticar o futuro, procurando oportunidades de ensino nos interesses e necessidades dos alunos); - avaliação Formativa (para detetar nível de pré-requisitos, remediar e recuperar os alunos); e, Avaliação Sumativa (alcançados, retroação ao processo ensino-aprendizagem, classificação e meta-avaliação sobre o sistema de avaliação).

Na minha opinião não existe uma estratégia clara, uma vez que as nossas intervenções pedagógicas dependem do nosso conhecimento, capacidade e de variáveis que nem sempre obtemos o controlo (comportamento da turma, etc.),

porém, temos que nos adaptar, portanto, sempre possibilitei com competência uma aprendizagem eficaz à minha turma. Nesse caso, perspetivei tarefas idênticas, exercitando os mesmos conteúdos mas, com objetivos específicos a cada nível de proficiência pelas matérias, preservando a motivação e participação ativa e eficaz no empenhamento motor. Para isso, utilizei um transfer de habilidades técnicas desenvolvidas em exercícios critério para as situações de formas jogadas, jogo condicionado e jogo na sua forma global.

### **4.3. Inovação nas Práticas Pedagógicas**

A inovação da intervenção pedagógica é um processo que contribui de forma muito positiva na formação contínua dos futuros professores, pois proporciona novos métodos e estratégias de ensino determinantes para a melhoria da qualidade no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Por este aspeto e uma vez que este ano foi o meu primeiro contato com a realidade escolar, procurei sempre demonstrar rigor, imaginação e inovação. Para tal, apresento algumas práticas que considero paralelamente inovadoras, que experimentei durante este processo como professor estagiário:

- A exequibilidade do Programa Nacional de Educação Física, isto é, ao longo do ano senti a necessidade de adaptar os objetivos contemplados no programa à realidade das turmas. Nesta temática devemos ainda ter em conta que a lecionação da disciplina de Educação Física depende de diversos fatores, entre os quais os recursos materiais e espaciais, a qualidade do desempenho motor dos alunos e a especificidade de cada escola. A conjugação de todos estes fatores resulta numa equação com uma grande quantidade de incógnitas que não permite ter como resultado final o Programa Nacional de Educação Física.

- Para a matéria de Ginástica, a explicação das estações que compunham os circuitos foi efectuada através da referência das componentes críticas de cada elemento (e das ajudas), onde pontualmente (na introdução dos elementos gímnicos) onde realizava a demonstração, não induzindo os alunos em erro. Também para auxiliar os alunos, criei umas meios gráficos (Imagens) onde estavam recriadas as sequências de movimentos pretendidas para cada elemento gímnico, bem como a forma mais adequada de se realizar as ajudas. Estes auxiliares de

trabalho encontravam-se pela sala de aula, colocados estrategicamente na estação que representavam.

- Afixei em meios gráficos, no início da aula, no sentido de apresentar à turma os grupos de trabalho, uma vez que pela simples observação do papel por parte dos alunos diminuía o tempo de organização.

- Aplicação do Modelo “Teaching Games for Understanding”: O objetivo deste modelo é fazer com que se possa vê-lo como um espaço de resolução de problemas e não como um momento de aplicação de técnicas isoladas. Para concretizar este objetivo, disponibiliza-se adaptação de formas de jogo apropriadas ao nível de compreensão e das capacidades de intervenção dos alunos. A progressão da aprendizagem é algo que os professores de Educação Física devem ter em conta quando planeiam as suas aulas. Este Planeamento deve ter em conta as capacidades dos alunos, competências, e o grau de complexidade das tarefas, devendo sempre, estarem organizadas, pensadas e planeadas numa forma mais simples para o complexo. Desta forma, a aprendizagem e a aquisição de conteúdos serão facilitados. Numa aula de educação física um professor deve ter conhecimento da importância dos jogos reduzidos, uma vez que, quanto a mim, parece-me ser um método para eficaz para impor práticas de ensino dos jogos desportivos coletivos. Na sua maioria, os professores utilizar esta forma de ensino, uma vez que, eles exigem uma grande prática dos alunos, e que permitem que os alunos estejam em grande contato com a bola, melhorar aspetos técnicos e várias vertentes do jogo ao nível da intensidade. No jogo formal isto não acontece, e o modelo dos jogos para a compreensão, transmitem-nos que, hoje me dia, o ensino dos jogos faz-se cada vez mais através da utilização de jogos reduzidos. Sendo assim, é importante dizer que quando passamos, quer do analítico para formal, quer do reduzido para o formal é necessário haver um Transfer eficiente e eficaz. Na minha opinião esta eficácia de Transfer só se estabelece em alunos de nível avançado que dominem as acções técnicas de jogo. No entanto, está é só a minha. Relativamente ao Transfer do jogo analítico para ao jogo formal, muitos autores indicam que uma transição efetiva de exercícios técnicos para jogo, requer que os alunos pratiquem em situação similar de jogo logo na sequência inicial de aprendizagem. Nesta categoria de jogo, como um tipo de exercícios eficiente para uma boa aprendizagem, é importante que os alunos percebam a mecânica do jogo desportivo coletivo.

Todas estas inovações foram muito bem aceites e resultaram num acréscimo de qualidade nas ações que foram sendo desenvolvidas ao longo deste percurso.

## **5. DIFICULDADES E NECESSIDADES DA FORMAÇÃO**

Ao longo do ano letivo procurei refletir sobre as dificuldades sentidas e as suas formas de resolução. Portanto, este ponto do Relatório destina-se à reflexão destes aspetos, bem como, relatar mostrar as dificuldades a resolver no futuro e realçar a necessidade da Formação Contínua.

### **5.1. Dificuldades e formas de resolução**

Apesar de estar bastante satisfeito com o desenvolvimento do meu trabalho, não se pense que tudo foram facilidades, pois as dificuldades sentidas também foram uma realidade presente.

Ao longo deste ano letivo de aulas posso afirmar que os momentos onde senti mais dificuldades foram no início do ano letivo e na lecionação nas primeiras aulas de cada Unidade didática.

Através de feedbacks constantes, procurei encontrar um contato mais ativo com a turma. Optei, numa parte inicial do ano letivo, por estabelecer feedbacks coletivos. No entanto com o aumento da confiança e credibilidade na transmissão de conteúdos, revelei bons indicadores na administração de feedbacks individuais. Nesse sentido apercebi-me que realizar feedbacks individuais, torna uma aula mais simples e objetiva. Posteriormente, o fecho dos ciclos de feedback proporcionaram-me mais dificuldades, consolidando esta vertente de intervenção pedagógica um pouco mais tarde na lecionação das aulas.

Outro aspeto que revelei alguma dificuldade de concretizar com êxito foi a forma de movimentar e circular pelo espaço de aula, no início tinha de manter uma grande concentração para não perder de vista o empenhamento motor dos alunos. Contudo, com acumular de aulas originou experiência, na qual acabei por controlar com sucesso.

No meu ponto de vista a disciplina na sala de aula foi o obstáculo duro de ultrapassar. Originou-me sempre dúvida em como atuar perante algumas situações desviantes da aula. Na gestão do espaço de aula, o professor é o líder formal da turma. Esta qualidade de liderança depende muito das qualidades pessoais do professor e, essencialmente, do estilo de relação que adota na relação com os alunos. Contudo o grande problema que está aqui explícita é quando se verifica gestão equilibrada, parcialidade de repreensões, diálogos amigáveis ou não, queda dos extremos (autoritarismo e permissividade). Neste sentido, melhorei muito a minha forma de intervir na aula perante comportamentos incorretos, sendo um Professor assertivo: professor que se sabe fazer respeitar, começando por respeitar os alunos. Acredita neles e confere-lhes responsabilidades, censura e admoesta recordando a regra, tem em conta os comportamentos e não a pessoa. É aquele que sabe elogiar quando devido, mas que consegue castigar caso necessário, desde que a punição obedeça aos princípios da razoabilidade, adequação e consistência.

Por fim, no que diz respeito á avaliação, uma das dificuldades sentidas inicialmente prendeu-se na capacidade de avaliar durante a aula todos os parâmetros. Procurei sempre ser rigoroso durante as situação de avaliação diagnóstica e sumativa em que, por vezes, descuidei-me no que diz respeito ao feedback pedagógico e esquecia que antes de um momento de avaliação estava presente uma aula, onde deverá sempre proporcionar-se aprendizagens dos alunos no qual o feedback é essencial.

## **5.2. Formação contínua**

“É no dia-a-dia das atividades da escola que o professor se constrói como profissional. Assim, a escola deve ser o local de formação, tanto por ser onde a atuação docente acontece como pela história dos professores e sua relação com a instituição.” (Silva, 2001)

O professor estagiário inicia a profissão de docente com conhecimentos teórico de base, assim como, os conhecimentos práticos exigidos a um professor profissionalizado. Os estagiários são orientados e apoiados pelos orientadores durante o período de indução e, após a conclusão desta etapa os professores estagiários estão formalmente integrados com membros da profissão. A “licença”

para ensinar deve ser renovada ao longo dos anos, assim, o professor deve demonstrar um conhecimento profissional lato e assumir responsabilidades na escola, para além, das suas responsabilidades docentes individuais. Quando falo em formação contínua o objetivo é destacar a importância do desenvolvimento profissional.

O desenvolvimento profissional depende da criação de uma vasta base de conhecimento. Reflete-nos nas decisões que se tomam e na ações que se empreendem no âmbito de um espaço de autonomia que é inerente ao trabalho dos profissionais. Quanto maior for a autonomia concebida pelo sistema educativo aos docentes, mais seriamente estes exercerão a sua responsabilidade profissional, desde que a base do conhecimento profissional seja sólida. É sugerido, de modo a conservar o entusiasmo dos professores pela participação nas atividades de desenvolvimento profissional, que seja planeado um esquema de progressão na carreira docente. Crê-se que um processo de desenvolvimento profissional linear reconhecido por todos poderá não só servir de incentivo para que os professores se tornem estudantes profissionais ao longo da vida, mas também, poderá oferecer um reconhecimento público, relativamente aos professores que investem no seu desenvolvimento profissional individual, não só com o fim de se satisfazerem a eles mesmos, mas também, com o fim de contribuírem para uma melhoria crescente da profissão docente.

## 6. ÉTICA PROFISSIONAL

“O Estágio Pedagógico abarca as principais vivências e percepções associadas ao “Tornar-se Professor”, dando a conhecer alguns dos maiores ganhos e dificuldades associados a este primeiro contato com a profissão” (Fernandes, 2003) ”

### 6.1. Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade

Perante a entrada neste ano de estágio pedagógico, retive uma atitude de compromisso e inteira responsabilidade com toda a comunidade escolar e com os seus elementos, tornando-me um Ser melhor em duas vertentes, a minha formação pessoal, académicas e profissional, e a promoção das aprendizagens dos alunos.

A capacidade de iniciativa esteve presente ao longo deste processo, relativo, ao fato de me manter disponível para a escola e para os alunos. A atividade profissional (lecionação de aulas de Atividade Física-Desportiva – Área de Enriquecimento Curricular e aulas de Expressão Físico-Motora) que mantive, simultaneamente, com o Estágio não me impediu de respeitar honradamente todos os compromissos assumidos no Guia de Estágio.

Relativamente ao orientador de Estágio, promovi uma relação de respeito procurando aprender com as orientações recebidas. Em relação aos colegas de estágio o clima que vivenciado contribui para a promoção da minha aprendizagem. Todos estes aspetos realizado deu-se pelo motivo que sempre valorizei as diferentes capacidade/competências de cada um, respeitando os distintos ritmos e estratégias de forma a apresentarmos um trabalho de referência. Neste sentido, manifestei sempre uma cooperação positiva, num clima de interajuda, de reflexão e de avaliação e de partilha de conhecimentos.

### 6.2. Importância do trabalho individual e de Grupo

As dinâmicas de trabalho de grupo, isto é, o trabalho entre os colegas de núcleo de estágio, é um processo importante no desenvolvimento de fatores como a cooperação, motivação, experiência e superação das dificuldades em todas as áreas de intervenção pedagógica. Cada elemento que constituí o Núcleo de estágio tinha

as suas responsabilidades e compromissos foram do contexto de estágio pedagógico. Porém, isso não revelou que não surgisse constantemente diálogo de modo que a informação sobre as atividades e trabalhos realizados em grupo fosse do conhecimento de todos.

Ao longo desta etapa, houve sempre compreensão entre nós (estagiários) mesmo quando ocorria divergência de opiniões. Pois, estávamos conscientes que esta será a realidade da nossa vida profissional, procurámos então, encontrar um meio de entendimento, de modo a que os objetivos dos projetos/atividades fossem ajustados e superados.

Desde o início do Estágio todas as atividades desenvolvidas em grupos foram discutidas em comum com o nosso Orientador de Escola (Professor Vasco Gonçalves), o que resultou num constante reajustamento na fase de conceção.

Em suma, posso afirmar que fomos um Núcleo de Estágio responsável e dedicado, que procurou trazer alguma inovação pedagógica à Escola, nas diversas vertentes sobre as quais incidiu o processo de Estágio.

Relativamente à interação que mantive ao longo deste processo de aprendizagem juntamente com os Orientadores de Escola e de Faculdade, posso dizer que, foi-me alargado orientações e atuação mais autónoma, deixando-me mais confiante no meu desempenho enquanto professor de educação Física. O contato diário com o Orientador de Escola, Professor Vasco, foi fulcral para a superação das minhas dificuldades e obtenção de novos meios de prática pedagógica. Durante este ano, transmitiu-me saberes que influenciaram a minha maneira de pensar e de agir, para além, de ter contribuído, de forma positiva, para minha formação enquanto docente, alterando o modo de atuação no terreno (proporcionando transformações na forma de intervenção).

No que diz respeito ao trabalho desenvolvido individualmente, posso afirmar, que cumpri de forma responsável as exigências do Estágio Pedagógico definidas no Guia de Estágio. Procurei ser um Professor trabalhador, reflexivo, procurando encontrar as melhores estratégias num processo de investigação-ação, aprendendo com as minhas práticas, procurando aperfeiçoá-las. Revelei, ao longo deste ano, sentido crítico, sendo exigente com as minhas intervenções pedagógicas, no sentido de encontrar indicadores de ação que levem-me ao aperfeiçoamento.

## 7. QUESTÕES DILEMÁTICAS

No decorrer desta Etapa académica, surgiram várias interrogações que implica agora analisar e corrigir.

A primeira questão está relacionada com a aplicação da Educação Física no contexto Escolar de acordo com o documento – Programa Nacional de educação Física, que serve de orientação para os professores. Este apresenta inadaptação dos conteúdos programáticos às reais necessidades/possibilidades dos alunos. Confirmei ao longo deste ano, que os conteúdos e objetivos pretendidos pelo documento oficial não corresponde à realidade encontrada na escola, neste sentido, cabe ao professor adequar à sua realidade de trabalho, de acordo com os vários recursos. Em algumas Unidades Didáticas (ex: Basquetebol) a maioria dos alunos apresentou dificuldades na consecução dos objetivos, verificando que muitos conteúdos traçados pelo Programa Nacional tornam irrealizáveis tendo, assim, de criar estratégias para superar esta evidência, optando por estabelecer objetivos de níveis de execução mais baixos do que aqueles que estão registados no Programa nacional de Educação Física para o 8º ano escolar.

A segunda questão que coloco diz respeito à avaliação Sumativa, não tinha consciência qual seria a forma mais adequada, quais os conteúdos a utilizar e, como tinha de relacionar com os diferentes grupos de nível de execução. Portanto, optei por utilizar a mesma organização e estrutura do espaço de aula, usar os mesmos exercícios realizados nas aulas anteriores à avaliação sumativa, uma vez que pretendia que os alunos não fossem confrontados com novos exercícios, porque poderia prejudicar o seu desempenho.

A terceira discussão que apresento é uma questão muito debatida no seio da disciplina de Educação Física e que na qual concordo, que é em relação às aulas de 45' minutos (30 minutos de tempo útil). Nestas aulas procedi a adaptações como não realizar uma revisão e extensão dos conteúdos muito alargada na fase do retorno à calma e não realizar um aquecimento específico na fase inicial da aula, pois o tempo de prática é curto e a turma tinha aula de Espanhol logo a seguir, sem intervalo pelo meio, o que faz, portanto, responsabilidade para que os alunos não cheguem atrasados à aula seguinte.

O quarto e o último dilema refere-se à Periodização das Matérias por blocos. No início do ano é definido pelo Grupo Disciplinar um conjunto de modalidades a abordar ao longo do ano letivo. Por este facto face à forma de organização e distribuição de espaço pelo docente, dá-se a utilização do processo de leccionação por uma organização de blocos, isto é por exemplo, cinco em cinco semanas a turma troca de espaço de aula. Em termos de avaliação diagnóstica passa pro avaliar os alunos no início da Unidade Didáctica e não no início do ano letivo. O facto de estarmos perante uma organização por blocos em que as modalidades a leccionar estão dependentes do local em que leccionamos e do espaço temporal disponível nesse mesmo espaço leva a que nem todas as opções educativas resultem da Avaliação diagnóstica realizada, face às condicionantes de espaço e tempo existentes. Mesmo no que concerne à sequência e lógica das modalidades a abordar, acabamos por estar condicionados face às rotações de espaço existentes. Na minha opinião penso ser difícil para um professor optar pela melhor forma de leccionar as nossas aulas, se realizamos as nossas aulas consoante uma periodização por blocos ou por etapas. Todas as opções educativas incluindo o tempo a dedicar à modalidade devem resultar da especificidade e características únicas da turma, sendo assim, seria mais benéfico em termos de aprendizagens realizar no início do ano letivo uma avaliação diagnóstica a todas as modalidades, definindo a partir desta um número de aulas a leccionar adequado as dificuldades distintas evidenciadas em cada matéria. Por outro lado o meu Plano Anual compreendia as directrizes originadas pelo Grupo de Educação Física da escola, assim, cumpro as indicações provenientes do Grupo, depois de analisar o mapa de rotações, procurei periodizar as matérias tanto quanto possível em função dos interesses e necessidades dos alunos, limitando-me a proceder à avaliação diagnóstica no início de cada Unidade Didáctica.

## 8. CONCLUSÕES REFERENTES À FORMAÇÃO INICIAL

O papel dos vários intervenientes na viabilização de todo o processo de estágio Pedagógico, nomeadamente as relações com os Professores Orientadores e colegas de estágio, Conselho Executivo, pessoal docente não docente, permitiu estabelecer um bom ambiente de trabalho e desenvolver uma boa dinâmica de grupo visando um percurso eficaz.

Segundo Onofre (1996), “Focar a formação dos professores na prática profissional é uma regra fundamental. (...) Particularmente no caso da Formação Inicial, o contato com a atividade profissional deverá ser uma realidade. (...) A ligação ao campo da realidade profissional implica, também, uma abertura do processo de formação à colaboração de professores peritos com responsabilidades directas no processo de escolarização no ensino básico e secundário”. As ideias defendidas pelo autor revelam que as aprendizagens que devemos adquirir ao longo no ano letivo não devem ser somente num campo da lecionação, mas também deve contemplar a componente ético-profissional, os diferentes ramos da educação física dentro do contexto escolar (elaboração de documentos, planificação e concretização dos planos de atividades, tarefas do desporto escolar, assessorias a cargos) e as tarefas enquanto Docente.

### 8.1. Impacto do Estágio na realidade de contexto escolar

A relação estabelecida entre o Núcleo de Estágio e o Conselho Executivo foi de proximidade, para além da simpatia e recetividade revelada por parte daquele órgão, demonstraram interesse e desencadearam, em todas as situações, os apoios necessários às atividades solicitadas. Para além disso, autorizaram a realização de todas as atividades, apoiando também na impressão e nas fotocópias de documentos importante à execução dos vários projetos desenvolvidos, nomeadamente, no âmbito da Unidade Curricula Projetos e Parcerias Educativas.

O contato com o Grupo de Educação Física foi positivo, na qual mostraram desde o início, disponibilidade para prestar auxílio na partilha de conhecimentos inspirando deste modo confiança. Neste seguimento, foram desenvolvidas relações de companheirismo, respeito mútuo e interajuda nos vários tipos de atividades

proporcionadas não só pelo Núcleo de estágio (PáscoAbrir e Ação de Formação) mas, também, pelo Grupo Disciplinar de Educação Física. Exemplo disso foi a realização do Corta-Mato Escolar e Distrital, Mega Sprint Escolar e Distrital, InterTurmas de Andebol e Voleibol, etc.

Todos os professores participaram direta ou indiretamente nas atividades integradas no estágio. A vivência foi mais evidenciada com alguns professores do que outros, devido à incompatibilidade de horários e pela maior ou menor disponibilidade de alguns em participar nalgumas atividades que foram organizadas por nós, Núcleo de estágio.

O relacionamento entre todos os elementos da escola foi crescendo, estabelecendo-se, assim, um clima de respeito mútuo e troca de conhecimentos/experiências. De realçar a abertura e simpatia por parte da Diretora de Turma, este acompanhamento mantido ao longo do ano, permitiu-me obter uma noção de todas as suas funções, competências e dificuldades.

O relacionamento estabelecido com os funcionários da escola, responsáveis pelos espaços de aula para a disciplina de Educação Física foi positivo, tendo sido desde o início muito simpáticos, muito prestáveis e fundamentais na articulação e na preparação do material, viabilizando a disponibilidade dos materiais antes do toque de entrada.

Os conhecimentos adquiridos ao longo do ano letivo não podem deixar de ter um carácter individual, isto porque estão relacionados com as expetativas do estágio. A envolvimento em determinados âmbitos da escola só se verifica mediante o interesse de cada professor. Foi muito relevante a envolvimento em diversas atividades e tarefas da escola para perceber melhor o funcionamento da escola e da educação física na escola.

Por fim, o impacto que tive com a minha turma foi revelante no seu processo Ensino-aprendizagem, procurei estar disponível para os alunos, ouvindo-os e ajudando-os no que fosse necessário.

## 8.2. Prática pedagógica Supervisionada

A supervisão pedagógica pode ser entendida como “ um processo natural no qual uma pessoa mais habilitada e mais experiente, que assume o papel de modelo, mestre, responsável, encorajador, conselheiro e protector, ajuda as pessoas menos habilitadas ou menos experientes, com o propósito de promover o desenvolvimento profissional e/ou pessoal” (Koster, Korthagen & Wubbels, 1998, cit. por Cardoso, 2009).

O Co-Orientador, Professor Vasco Gonçalves teve um papel preponderante na minha intervenção, facilitando, encorajando e valorizando as minhas experiências pedagógicas. Acompanhou-me formativamente na planificação, realização e avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem. Demonstrou sempre disponibilidade, foi agente de incentivo e de desafio na minha prática pedagógica, contribuindo para a minha formação pessoal e profissional. Isto prevalece que são só vantagens e, por isso vai de acordo com o que é citado por Onofre (1996), que “o mais importante das vantagens está relacionado com os efeitos encontrados nos alunos ensinados por professores que são sujeitos a uma formação didática por via de um ajustado processo de Supervisão.”. Segundo esta afirmação os alunos (estagiários) aprendem mais e com maior qualidade.

Finalizando este tópico, o papel do professor Vasco foi muito influente para a aquisição de experiência, estimulando a minha curiosidade face a situações novas, contribuindo para a resolução de questões reais incentivando-me à reflexão, de forma a aprender com a experiência e direcionando-me para o aperfeiçoamento. O resultado das aprendizagens decorrentes deste estágio, são fruto deste Acompanhamento.

Desta feita, a prática pedagógica Supervisionada contribui de forma inequívoca para a minha formação. A ligação entre a formação teórica que tive ao longo dos quatro anos, sua aplicação na prática e a promoção das aprendizagens face às carências teóricas e práticas de um professor em formação, permite-me terminar este ano letivo com o sentimento que me tornei profissional docente mais competente.

Por fim, salientar o Orientador de Faculdade, Professor José Pedro Ferreira, este observou algumas aulas no decorrer do ano letivo, acompanhando a prática

pedagógica através de reunião conduzidas após a observação das aulas, fornecendo o seu feedback e sugestões de aperfeiçoamento, sempre de forma prestável e educativa.

### **8.3. Experiências Pessoais e Profissionais**

Este ano de Estágio foi bastante gratificante e enriquecedor a vários níveis: a nível profissional porque possibilitou a aquisição de conhecimentos, técnicas e competências que me tornaram capaz de exercer o papel de docente, no que concerne à organização, gestão e promoção do processo de ensino e aprendizagem; a nível emocional porque me auxiliou na gestão de conflitos, na gestão do medo, ansiedade e insegurança face à inexperiência inicial, mas também, a nível pessoal e relacional porque me possibilitou conhecer pessoas diferentes, com experiências e personalidades variada que me enriqueceram enquanto professor mas essencialmente enquanto pessoal. Por tudo isto concretizado permitiu-me um grande crescimento maturacional. O nervosismo apresentado e a falta de confiança foram ultrapassados ao longo das semanas.

Sinto-me realizado pois as minhas expectativas em relação ao estágio foram concretizadas, pois as aprendizagens e oportunidades foram muitas e bastante proveitosas.

A evolução da minha prática pedagógica deve-se muito a um momento muito importante que foi a reunião realizada após as aulas, onde com um clima positivo entre os elementos do núcleo de estágio e Orientador de Escola foram discutidas as qualidades e defeitos mais visíveis no decorrer da aula, a perceção de dificuldades e as discussões que surgiram nesta reunião permitiu-me ao longo do ano letivo traçar um leque vasto de estratégias que gratificaram a minha aprendizagem enquanto professor.

Relativamente à intervenção pedagógica na perspetiva que apresentei à minha turma, aos meus alunos, o meu principal objetivo, como já transmiti, centrou-se na potenciação das suas aprendizagens e na sua formação social. E, portanto, posso concluir que no final deste ano letivo, observa-se que os alunos da turma têm melhorias a nível do aproveitamento motor e comportamental.

Neste desfecho do Estágio Pedagógico, revelo que foi uma excelente oportunidade de aprendizagem ao favorecer a aquisição e desenvolvimento de novos conhecimentos e práticas profissionais, pessoais e sociais.

## 9. APROFUNDAMENTO DO TEMA

### 9.1. Introdução

Numa altura em que cada vez mais se discute a problemática de inclusão e as consequências que o Desporto assume como um meio de aquisição de ferramentas para a vida em sociedade, parece-me gratificante estudar e analisar a opinião de Professores em relação a esta temática inserida na nossa sociedade. Neste sentido irei centrar-me na análise e reflexão das perceções obtidas, para compreender melhor as atitudes dos professores em relação aos alunos com Necessidades Educativas Especiais em contexto Escolar. Neste sentido pretendo analisar o papel estabelecido por estes professores no seio das Férias Desportivas, realizado pelo Núcleo de Estágio da Escola EB 2,3 com Sec. José Falcão Miranda do Corvo, “PáscoAbrir”.

#### ❖ Objetivos de Estudos:

- A interação da criança com os Professores;
- As características dos Jovens e o contexto em que interagem;
- O nível de integração dos jovens com Necessidades Educativas Especiais no Grupo de atividade;
- A experiência dos Professores face à Inclusão.
- Os dados recolhidos, as perceções dos intervenientes, os dados a recolha de outras fontes bibliográficas, no sentido de identificar as estratégias facilitadoras e as barreiras da inclusão ao acesso ao currículo.

## 9.2. Revisão da Literatura

Hoje em dia, esta realidade é diferente. É importante enfatizar que em 1994, foi realizada a “Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Equidade”, em Salamanca na Espanha, contando com a participação de 92 países e 25 Organizações Internacionais que ratificaram a “Declaração de Salamanca”, que estabelece linhas de ação para garantir a Educação Inclusiva para todos. Foi a partir desta conferência que assistimos a uma nova forma de perspectivas a Educação das crianças portadoras de um qualquer défice, desde o mental ao sensorial. Seguindo as ideias defendidos na referida conferência, passa-se de um conceito de mera integração, para um conceito de inclusão, apelando-se, deste modo, a um contexto educacional adaptado a todos os alunos. Nesta linha, pretende-se uma nova conceção de escola, cujo principio fundamental “consiste em que todos os alunos devam aprender juntos sempre que possível independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentam” (Declaração de Salamanca, 1994).

Ao nível escolar, e tentando dar uma resposta o mais adequado possível aos jovens, dever-se-á adotar uma política educativa que não descure os seus interesses e guiar pela metodologia que melhor potencie as suas capacidades. Assim, todos os alunos devem ser implicados num desenvolvimento curricular que propicie a integração, o qual, segundo Correia (1999), deve ser o mais normalizado e o menos restritivo possível, sem descurar, no entanto, as necessidades específicas de cada um. Nesta sequência o “professor deve esperar um nível de trabalho proporcional à capacidade do aluno” (Nielsen, 1999).

A escola é entendida como um espaço privilegiado para iniciar e promover a verdadeira inclusão das crianças com necessidades educativas especiais, baseando a sua intervenção em documentos legais. É o Decreto-lei 3/2008, de 7 de Janeiro, que prevê a adaptação das condições em que se processa o ensino-aprendizagem, dos referidos alunos. As escolas têm vindo, como base no Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro, a construir processos de gestão curricular no quadro de uma flexibilidade que procura encontrar respostas educativas ajustadas a todos os alunos, ou seja, têm adequado o currículo de modo a conseguir que os seus educandos realizem o máximo de aprendizagens de que forem capazes. Atendendo a esta filosofia de escola, deve-se proporcionar aos alunos com necessidades educativas individuais um currículo aberto e flexível, composto, se possível, pela

totalidade das áreas que constituem o Currículo Nacional, e se necessário acrescido de outras áreas indispensáveis ao sucesso educativo.

Na perspectiva de Roldão (1999), falar num currículo construído com vista a potenciar o sucesso educativo, implica mencionar o princípio da flexibilidade, isto é, não se pode exigir que todos os alunos atinjam as mesmas metas ao mesmo tempo. Cada um processará a sua aprendizagem ao seu ritmo. O que é necessário é definir estratégias/metodologias que os ajudem a ultrapassar as suas dificuldades. Um currículo aberto e flexível deve ser concretizado no contexto de cada escola e de cada espaço de aula, de acordo com as características individuais de cada aluno, mediante uma adaptação curricular individualizada.

É definido o regime gratuito e escolaridade obrigatória para todas as crianças/jovens sem exceção, ou seja, todos os alunos têm direito ao ensino básico de uma forma gratuita, em igualdade de circunstâncias. Por outro lado, a escola obriga-se a aceitar todas as crianças/jovens, independentemente se têm ou não qualquer tipo de limitação física ou intelectual. Deste modo, aceita-se que, ao frequentar a escola, qualquer aluno pode ter favorecido o seu desenvolvimento pessoal e social, se não for no sentido da escolarização, será preparando-o para uma vida autónoma que poderá abrir caminhos à vida profissional, social e familiar futura (Vaz, 2007).

O professor é um dos elementos principais no desenvolvimento do currículo, com competências que se enquadram no âmbito da diferenciação da aprendizagem e da adaptação curricular (Pacheco, 1995). Cabe principalmente aos professores delinear as estratégias metodológicas mais apropriadas, que conduzam à aquisição de competências essenciais, tanto ao desenvolvimento pessoal e social desses mesmos alunos, como ao seu bem-estar e qualidade de vida. Segundo Landívar & Hernández (1994), um currículo compreensivo deve contemplar adaptações que atendam à diversidade dos alunos. A implementação de toda esta dinâmica é da responsabilidade da escola, dos professores e da sua atuação pedagógica. No caso dos jovens com Necessidade Educativas Especiais urge orientar o processo ensino/aprendizagem numa perspectiva de intervenção consciente, de forma a minimizar as suas dificuldades e a potenciar as suas capacidades.

A palavra inclusão tem, a nível político, um sentido muito diferente do contexto sociológico, económico e social. O seu conceito implica uma transformação de

paradigma de mentalidades no plano da formação escolar, claramente distinto da conceção tradicional ou regular do processo seletivo educacional. O objetivo, por conseguinte, está em contrariar a homogeneização da escola, de modo a aceitar e a promover a inclusão das pessoas em idade escolar, preservando e salvaguardando, ao mesmo tempo, as diferenças pessoais e as capacidades individuais, sobretudo quando persistam as dificuldades e os obstáculos físicos, psicológicos e de perceção cognitiva de um conjunto heterogéneo de alunos.

### **9.3. Desenvolvimento da problemática**

A Revisão da literatura efetuada ao longo deste trabalho é pertinente, no sentido, de partir de uma definição abrangente de currículo, referenciar o que entende por flexibilidade do mesmo, e qual o caminho a seguir até à implementação das adaptações curriculares adequadas, face às necessidades educativas especiais. Só deste modo, se poderá preconizar a verdadeira inclusão destes jovens, pondo em prática os princípios constantes inseridos em documentos legais existentes e que servem de base a qualquer dinâmica Escolar.

O Desenvolvimento de prática de inclusão dos jovens com Necessidades Educativas Especiais é cada vez mais debatido e discutido no contexto escolar. Tornou-se necessário preparar o jovem com deficiência para a vida em sociedade, especialmente, na escola e a própria comunidade para a interação positiva com esses jovens com necessidades educativas especiais, reconhecendo-as como cidadãos ativos e sujeitos de direitos sociais.

Falar em inclusão de alunos nas escolas de ensino regular significa percorrer um longo caminho que vai para além da simples integração física ou inserção de crianças diferentes e caracterizadas como tendo necessidades educativas especiais (NEE), junto dos seus pares. A inclusão procura “encontrar formas de aumentar a participação de todos os alunos com NEE, incluindo aqueles com NEE severas, nas classes regulares, independentemente dos seus níveis académicos e sociais” (Correia, 2003).

O movimento da Inclusão na escola está fundamentado em princípios norteadores, tais como: a aceitação das diferenças individuais como ponto positivo; a valorização da diversidade humana; o direito de pertença; a aprendizagem

cooperativa; o reconhecimento das minorias sociais e a busca da qualidade de vida, através do exercício da cidadania.

Motivados pelo grande interesse que despertam as questões relacionadas com a inclusão de alunos, e pelo grande desafio que essa inclusão coloca aos docentes, tomei a decisão para a realização do presente estudo-caso. Nesta perspectiva, o problema científico deste trabalho é dedicado ao conhecimento da percepção dos professores face à inclusão dos jovens com Necessidades Educativas especiais inserido no ambiente de Férias Desportivas “PáscoAbrir”.

#### **9.4. Metodologia**

##### ❖ Amostra

Para a elaboração e desenvolvimento do presente projeto/proposta de estudo, foi selecionada uma amostra, que é constituída por dois professores de Educação Física, na qual são docentes na Escola EB 2,3 com Sec. José Falcão, Miranda do Corvo. Descartámos todos os professores que não efetuaram qualquer contato com a atividade desenvolvida e organizada pelo Núcleo de Estágio “PáscoAbrir”.

##### ❖ Instrumentos e Procedimentos

Relativamente, ao processo de elaboração do projeto foi elaborado um guião de entrevista, para ajudar aquando da concretização da entrevista. Esta investigação qualitativa é considerada descritiva. Os dados são recolhidos na forma de palavras (ao contrário de números como acontece na investigação quantitativa). Não há portanto redução de narrativas e outros dados a simbologia numérica. Há sempre a tentativa de analisar toda a extensão de dados, aproveitando assim a sua riqueza e respeitando sempre (tanto quanto possível) a forma em que os dados foram registados.

Depois de realizado este procedimento, foi efetuada uma seleção da amostra, em cima dita. Depois destes dois passos, procedi a realização da entrevista, em local selecionado pelos professores de Educação Física, caracterizado dentro da instituição escola, comunidade educativa. Esclarecer que contato foi realizado através de uma conversa informal em que obtive imediatamente a disponibilidade

total para a realização da entrevista os professor. Uma vez que está a ser estudado um objeto por vivência direta da realidade de outro sujeito, onde este se insere, e que nos permite analisar as tarefas desempenhadas por grupos distintos de professores, assumo que este estudo tem um carácter etnográfico (Creswell, 2007).

Iniciei a entrevista explicando de uma forma sucinta o objetivo e âmbito da entrevista perante o caso-estudo a pesquisar/trabalhar, exprimindo o tema central, métodos, e outros pontos importantes, para que os professores se sentissem à vontade para responder às questões. Antes de começar com as questões, propriamente ditas, instalei um clima de tranquilidade, colocando perguntas, de reflexo estatístico (anos de docência; idade; etc.).

Para proceder à realização da entrevista utilizei um gravador de telemóvel *Nokia 500*, para a transcrição das mesmas, recorri ao Programa que se designa por *Digital Voice Editor*, uma vez que este método tecnológico facilitava mais esta tarefa de transcrição. Na finalização destas entrevistas e respetivas transcrições feitas “*ad verbatim*”, estabeleci a entrevista por categorias (categorização), ou seja, há codificação e descodificação dos dados, que permitia estabelecer pré-códigos e códigos. Esta análise foi baseada no livro *The coding Manual for Qualitative Researches*, de *Johnny Saldaña*, e pela tese de Mestrado de Treino Desportivo para Crianças e Jovens, de *Alexandra Martins*. Explicando de uma maneira mais lógica, esta análise caracterizou-se por uma leitura das entrevistas, em que surgiram códigos que por sua vez se agruparam em categorias por alguns temas. Esta análise está apresentada em tabela no ponto seguinte: Apresentação de dados.

### 9.5. Apresentação dos Dados

<b>TEMA – Jovem com Necessidades Educativas Especiais</b>		
<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Frequência</b>
<b>Áreas fortes</b>	Educação Física	3
	Recreação	3
	Trabalhos manuais	3
<b>Autonomia</b>	Independente	2
	Capaz	2
	Carência	1

<b>Domínio Desenvolvimento</b>	Percepção	3
	Linguagem	1
	Acompanha	1
	Áreas cognitiva	1
<b>Relação com os Professores</b>	Ritmo	1
	Diferente	1
	Relaciona-se bem	1
	Simpatia	1
<b>Relação com os colegas de Escola</b>	Indiferença	1
	Colaboração	2
	Solidariedade	2
	Afetividade	2
	Agressividade	1

Tabela 1 – Jovem com Necessidades Educativas Especiais.

<b>TEMA – Professor e jovens com NEE</b>		
<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Frequência</b>
<b>Experiência com Jovens NEE'S</b>	Muitos casos	1
	Recursos	1
	Formação	1
<b>Estratégias Diferenciadas</b>	Recreação	1
	Lúdico	1
	Materiais	1
	Número de jovens	1
<b>Integração do Jovem com NEE na turma/grupo</b>	Inclusão	1
	Positivo	1
	Descriminação	1
	Distanciamento	2
	Preconceito	1

Tabela 2 – O Professor e jovens com NEE.

<b>TEMA – Professor e Escola</b>		
<b>Categoria</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Frequência</b>
<b>Articulação com outros Professores</b>	Positiva	2
	Reuniões	1
	Atividades Especificas	2
	Educação Especial	1
<b>Articulação com Técnicos Especializados</b>	Reuniões	1
	Formação	1
	Educação Especial	1
	Económicos	1
	Financeiros	1
<b>Colaboração Interna</b>	Entrosamento	2
	Entendimento	2
	Afetividade	2
	Positiva	2
<b>Interação com os Pais</b>	Envolvimento	1
	Afetividade	1
	Colaboração	1

Tabela 3 – Professor e Escola.

### 9.6. Análise dos Dados

Como se pode ver, em cima, nas três tabelas, aquando da análise das entrevistas surgiram diversos códigos que se agrupam em categorias e subcategorias e, que por sua vez, optei por um método de agrupação das categorias seguintes por temas: Jovem com Necessidades Educativas Especiais; Professor e Jovens com Necessidades Educativas Especiais; e, Professor e escola.

Para esta análise do estudo caso, percebe-se que a educação é o alicerce para o desenvolvimento de qualquer cidadão, e que incluir o aluno com necessidades educacionais especiais, é também, uma forma de respeitá-lo e garantir a possibilidade de seu crescimento. No entanto, percebemos que as dificuldades existem, não são poucas e ficam bem claras quando se pára para observar de forma

mais crítica. Afinal, colocar o aluno em sala regular e não atender o que realmente ele necessita, não é inclusão. Na verdade, a inclusão, não deve ser vista simplesmente como um fato, mas sim como um processo, que tem suas etapas e que necessita ser muito analisado, avaliado em todo o seu decorrer, com responsabilidade e senso crítico.

Relativamente aos Jovens com Necessidades Educativas Especiais, à sua interação com a Comunidade Educativa, estes revelam algumas características especiais em relação aos colegas. Como podemos verificar na Tabela 1 o seu ritmo de aprendizagem é diferente revelando um nível de percepção distinto em relação aos colegas, por outro lado, apresenta um nível positivo de autonomia, onde torna-se capaz de realizar muitas tarefas sozinho. Neste sentido, verificou-se que os alunos revelam particularidades positivas na qual são essenciais para o desenvolvimento pessoal. Os alunos acompanham em alguns momentos didáticos a turma, as atividades de grupo, seguindo as orientações que lhes são fornecidas, este aspeto prevalece que os alunos relacionam-se bem com os professores e outros intervenientes da comunidade escolar.

No que diz respeito aos Professores, os dois afirmaram que ao longo dos seus percursos como docentes, encontraram muitos casos de jovens com Necessidades Educativas Especiais. Sempre que encontraram jovens com Deficiência, a sua atitude foi sempre de Inclusão e não de discriminação. Quando de uma intervenção direta com estes jovens, os docentes registaram que utilizavam sempre estratégias diversificadas e diferenciadas na sua intervenção pedagógica, consoante a faixa Etária dos jovens, a fim de, melhorar o seu processo de aprendizagem. Os professores transmitiram que é importante a Inclusão dos jovens no ensino regular, desde que haja uma boa planificação e que exista recursos e formação. Neste caso, os professores asseguraram que conseguem trabalhar bem com jovens com NEE, desde que haja um número de crianças por turma, um bom planeamento, e que existam recursos humanos e materiais qualificados. Esta mobilização de recursos é uma área sensível da Inclusão, já que a sua falta pode pôr em causa a concretização dos princípios.

Os professores inseridos no meio escolar trabalham na base do princípio de colaboração, isto é, quando se trata de atividades específicas para o desenvolvimento motor dos jovens com Necessidades educativas Especiais, os professores contam com a cooperação e interajuda de docentes de Educação

Especial. No fundo, verifiquei pelos diálogos com professores que estes assumem na sua totalidade um trabalho de colaboração como facilitar a Inclusão, uma vez que facilita as tomadas de decisão e resolução de problemas que surgem no seio das comunidades educativas. Este processo fomenta o espírito de entreajuda na qual é essencial para o apoio físico e emocional que proporcionam ao Jovem, no sentido de aumentar o bem-estar e segurança.

O envolvimento afetivo da família e os intervenientes que foram acompanhando estabeleceram a reconstrução da suas afetividades, mostrando uma maior confiança, que se manifesta em relação aos professores para melhorar as suas dificuldades. Estes processos, segundo os professores, são muito importantes uma vez que corrigi o défice de desenvolvimento cognitivo e emocional útil para a recuperação das dificuldades.

Analisando detalhadamente, os professores estabelecem que a organização é o fator muito importante para facilitar a Inclusão nas escolas. Além deste aspeto, os professores referem que a amizade com e entre os jovens é gratificante para uma construção positiva de aprendizagem, de afetividade e colaboração.

Por fim, os professores avançaram que para um bom desenvolvimento do Jovem com Necessidades educativas Especiais, deve existir mais formações específicas para profissionais, deve existir cooperação entre todos os intervenientes da comunidade escolar, colaboração entre a família, uma vez que este processo possibilita a quebra de preconceitos, beneficiando o nível pessoal, daqueles que interagem com os Jovens com Necessidades Educativas Especiais.

### **9.7. Discussão dos Dados**

Esta discussão dos dados/resultados têm com o objetivo compreender melhor o significado do tema no contexto dos estudos efetuados na área das atitudes dos Professores face à inclusão, relatados na revisão da bibliografia.

Ao falar de alunos com Necessidades Educativas Especiais, pensa-se em alguém que é diferente para menos, comparativamente com os outros Jovens da sua faixa etária. Desta forma, estes alunos serão pouco solicitados para os trabalhos a pares, não desenvolvendo assim as suas aptidões.

O principal objetivo deste estudo-caso é investigar a consequência do evento “PáscoAbrir” nas atitudes dos professores participantes na atividade, face à inclusão

de alunos com Necessidades Educativas Especiais. Neste sentido pretende-se analisar a influência do Professores face à integração dos Jovens com deficiência dentro da comunidade Escolar.

Um dos desafios que se coloca a uma Escola Inclusiva é, sem dúvida, prestar uma resposta educativa eficaz a todos os seus alunos, promovendo o desenvolvimento pessoal e social com vista a torná-los, futuramente, sujeitos dinâmicos na sociedade. Deste leque, fazem parte integrante os que manifestam necessidades educativas especiais e que partilham o mesmo espaço educacional, que os carenciados de um qualquer défice.

Após o resultado obtido nesta investigação, neste estudo-caso, verificamos que o sucesso da implementação de uma educação inclusiva dependem indiscutivelmente, de todos os esforços de intervenção desempenhados pelos diversos agentes e elementos ligados ao processo educativo, sejam eles internos ou externos à comunidade escolar. Isto é, as responsabilidades do sucesso da prática das políticas inclusivas no contexto escola, não dependem, unicamente, da ação e da prática dos docentes.

Os professores percecionam que os alunos com necessidades educativas especiais são socialmente aceitos pelos elementos da comunidade escolar. Entendem que as escolas estão preparadas para receber estes alunos e verificam uma aceitação, recetividade, proteção, apoio, boa vontade e um incremento das preocupações e responsabilidades de todos. Estes docentes revelam que as escolas reúnem as condições necessárias para a realização do seu trabalho junto dos alunos com necessidades educativas especiais, na qual se estabelece intensamente a filosofia inclusiva. Os recursos materiais e as condições das instalações são considerados pelos professores como instrumentos essenciais para a receção de alunos NEE. Os recursos humanos e organizacionais também foram focados pelos professores. Estes afirmaram que no seu geral há um apoio constante ao professor regular, bem como ao aluno com NEE. Recordam que número baixo de alunos com NEE por turma é fundamental para um bom desenvolvimento da atividade/aula.

É verdade que, frequentemente, a pessoa com deficiência encontra obstáculos, quer ao nível do seu desenvolvimento pessoal e social, quer na sua inserção no mundo que o rodeia. Aqui, desde cedo a escola tem um papel de destaque na forma como atua perante estas crianças. Neste sentido, importa olhar para esses jovens muito mais pelo lado das capacidades do que das incapacidades. Por este motivo,

ignorá-la ou não aceitar é desperdiçar oportunidades que poderão contribuir de uma forma importante para o bem-estar e a felicidade a que todos os jovens têm direito. Com este efeito, a implementação de uma resposta educativa eficaz é um contributo fundamental para que os jovens portadores de deficiência e, conseqüentemente, com necessidades educativas especiais se sintam valorizados e, o Professor surge como um agente relevante em todo este processo.

Verifica-se depois da obtenção dos dados e respetiva análise que as atitudes dos Professores face à Inclusão são favoráveis. Por outro lado, os professores do ensino regular têm a seu cargo os alunos com Necessidades Educativas Especiais numa aula ou num atividade escolar (neste caso), o que implica dispor de conhecimentos que lhe permitam ensinar, num grupo, jovens diferentes, com capacidades diferentes de aprendizagem e com níveis diferentes de conhecimentos prévios. Porém, de acordo com a revisão da Literatura, os Professores em muitas circunstâncias não se consideram devidamente preparados para gerir de forma adequada as dificuldades inerentes à diversidade dos alunos. Assim, num contexto escolar, os docentes têm de adquirir, e/ou aperfeiçoar as suas competências profissionais, sendo necessário que a escola invista na formação dos professores a este nível, principalmente contemplando os docentes do ensino regular, cuja área de formação profissional não é específica, nem direcionada para os Jovens com necessidades educativas especiais. Por outro lado, não é possível esperar que a escola ou os professores, se preparem para então receber o aluno com necessidades educacionais especiais. Essa preparação deve acontecer aos poucos, de forma progressiva, interativa, afinal a inclusão é um processo culturalmente determinado e para acontecer, requer a participação do próprio aluno na construção desse ambiente escolar que lhe seja favorável.

Ainda, indo ao encontro das opiniões dos professores, verifica-se que não existe homogeneidade na escola. Aceitar e valorizar as diferenças e a diversidade é o primeiro passo para se fazer parte de um processo verdadeiramente inclusivo, e para a criação de uma escola de qualidade para todos. A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas regulares, exige o redimensionamento financeiro dos sistemas e instituições na implementação de serviços e recursos de apoio complementar tanto para os professores quanto para os alunos.

As vantagens que os alunos com Necessidades Educativas Especiais usufruem do fato de estarem integrados numa classe regular, os professores entendem que na sua maioria são fundamentais para a vertente social e educativa. Pois a inserção destes alunos com alunos regulares eleva o processo da socialização ao promover o convívio, o contato, o relacionamento interpessoal, a aquisição de novas amizades, a participação nas atividades, o envolvimento e comunicação. Tudo isto demonstra uma vivência diferenciada e uma igualdade de oportunidades. Em relação aos aspetos educativos, regista-se ganho na aquisição de competências, melhoria nas suas capacidades, a adoção e criação de hábitos, preparando-os para a vida em sociedade. Neste sentido a inserção dos indivíduos com Necessidades Educativas Especiais nas classes regulares proporciona um desenvolvimento de uma formação e consciencialização cívica de todos perante a diferença. Esta tomada de consciência das dificuldades e da diversidade humana reflete-se a aspetos de socialização.

No âmbito desta temática a estratégias propostas pelos professores para ultrapassar algumas dificuldades de integração dos jovens com Necessidades educativas Especiais passam por: - promover um apoio e acompanhamento sistemático; -procurar mais formação; e, adaptar os conteúdos e tarefas para a aula/atividade.

Concluindo, o aluno necessidades educativas especiais é uma peça integrante da sociedade que os rodeia, pelo que, o seu processo de interação social terá interferência no seu desenvolvimento enquanto ser humano. A importância do meio envolvente ao aluno e dos benefícios que a interação com as pessoas que o rodeia pode proporcionar bons níveis de Inclusão. Por conseguinte, para se atingir uma interação apropriada, é conveniente que os professores possuam e transmitam uma informação adequada às características específicas dos alunos.

## 10. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ✓ Bento, J. (1987;2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte, Lisboa, Portugal.
  
- ✓ Amado, J. (1998). *A indisciplina na sala de aula*. Revista Portuguesa de Pedagogia. Ano XXV, 133 – 148.
  
- ✓ Formosinho, J. (1987). *O currículo pronto-a-vestir de tamanho único*. Edições Pedagógicas. Portugal.
  
- ✓ Ruas, P. (2001). *Um olhar reflexivo sobre a prática pedagógica/estágio*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
  
- ✓ Onofre, Marcos. *Prioridades da Formação Profissional dos Professores de Educação Física*. Faculdade Motricidade Humana. Universidade Técnica de Lisboa.
  
- ✓ Siedentop, D. (1998). *Aprender a ensinar la educación física*. Barcelona: INDE.
  
- ✓ Graça, A. (2009). *A docência como profissão*. Porto: Universidade do Porto – Faculdade de Desporto. Aula da disciplina Tópicos da Educação Física e Desporto I.
  
- ✓ Pieron, M. (1996). *Formação de Professores – Aquisição de Técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. Lisboa: Edições FMH.

- ✓ Godinho, M. (2002). *Controlo Motor e Aprendizagem. Fundamentos e Aplicações*. Edições FMH, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa.
- ✓ Silva, Ana Maria Dinis (Coimbra 2001) FCDEF – UC “Análise das dimensões técnicas de intervenção pedagógica em estagiários de Educação Física da Universidade de Coimbra”;
- ✓ Judith, Rink. (1996). *Tactical and Akill Approaches to Teachign Sport and Games*. University of South Carolina – Columbia.
- ✓ Figueiredo, Eliene Vieira. *Práticas de Leitura e de Escrita na Diversidade da Sala de Aula*. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.
- ✓ Cardoso, Maria Inês da Silva (2009). *O contributo do Estágio pedagógico para o desenvolvimento da profissionalidade dos docentes de Educação Física – a prespetiva do Estagiário*. Universidade do Porto, Faculdade de Desporto.
- ✓ Fernandes, D. (2009b). *Educational Assessment in Portugal, Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 16:2, 227 – 247;
- ✓ Silva, T. (2009). *Elemento para a compreensão da reflexão em situação de Estágio Pedagógico: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto*;
- ✓ Graça, A. & MESQUITA, I. (2007). *A investigação sobre os modelos de ensino dos jogos desportivos*, *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 7, 3, 401-421.

- ✓ Nobre, P. (2012). Apontamentos da Disciplina de Avaliação Pedagógica em Educação Física do Mestrado do Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário do ano lectivo 2011-2012, FCDEF-Coimbra.
  
- ✓ Nobre, P. (2011). Apontamentos da Disciplina de Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular do Mestrado do Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário do ano lectivo 2011-2012, FCDEF- Coimbra.
  
- ✓ Fachada, M. (2011). Apontamentos da Disciplina de Didática da Educação Física e Desporto Escolar do ano letivo 2011-2012, FCDEF-Coimbra.
  
- ✓ Fachada, M (2010). Apontamentos da Disciplina de Prática de Ensino, FCDEF-Coimbra.
  
- ✓ Silva, E., Fachada, M., & Nobre, P. (2012-2013). Guia das Unidades Curriculares do 3º e 4º semestre. Coimbra: FCDEF-UC.
  
- ✓ Programa Nacional de Educação Física, ensino Básico;
  
- ✓ Garganta, J. (2002). O treino da tática e da técnica nos jogos desportivos à luz do compromisso cognição-ação. In V.J. Barbanti, J.O. Bento, A.T. Marques & A.C. Amândio (Eds.), *Esporte e atividade física: interação entre rendimento e qualidade de vida*: Barueri: Manole.
  
- ✓ Neves, J.L. (1996). Pesquisa Qualitativa – Características, usos e possibilidades, *Cadernos de Pesquisas em Administração*, Universidade de São Paulo, V.1, nº3

- ✓ TESE Final - Fontes de Stresse em Jovens Nadadores - Alexandra Martins - Julho 2009.
  
- ✓ Saldaña, J. (2009). *The Coding Manual for Qualitative Reaserchers*, SAGE
  
- ✓ UNESCO. (1994). Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção das Necessidades Educativas Especiais. *Separata da Revista Inovação*, 1, 7. (Edição do Instituto Inovação Educacional).
  
- ✓ Sousa, J. (2007). *Criança com Necessidades Educativas Especiais como membro da sociedade e sua inclusão no contexto escolar: estudo de caso comparativo entre Brasil e Portugal*. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Infância.
  
- ✓ Campos, Domingues & Ferreira (2012). *Análise Psicométrica da Escalada de Auto-eficácia dos Professores de Educação Física face à Inclusão*. FCDEF – Coimbra.
  
- ✓ Fernandes, Campos & Ferreira (2012). *Implementação de Programas Educativos Individuais na Aula de Educação Física – Realidade ou Utopia?* FCDEF – Coimbra
  
- ✓ Correia, L. M. (1999). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares*. Porto: Porto Editora.
  
- ✓ Ainscow, M (1998). *Necessidade Especiais na Sala de Aula - Um guia para a Formação de Professores*. Lisboa: IIE/UNESCO

- ✓ Ainscow, M., Porter, G.; Wang; M. (1997). *Caminhos para as Escolas Inclusivas*. Lisboa: IIE
  
- ✓ Mendes, M. (2012). “Teaching Games for Understanding” – Modelo de Ensino utilizada na Formação e Ensino dos Jogos Desportivos Coletivos – Confrontação entre Professores Experientes e Menos Experientes. Projeto Investigação-Ação do Mestrado do Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário do ano lectivo 2011-2012, FCDEF- Coimbra.
  
- ✓ Mendes, M. (2012). Plano Individual de Formação. Estágio Pedagógico, FCDEF- Coimbra.

## 11. ANEXOS

## 11.1. Modelo do Plano de Aula

ANO/ TURMA/NÍVEL:	DATA:	HORA:	DURAÇÃO:	TEMPO ÚTIL:
ESPAÇO:	AULA N.º:	N.º DE AULA DA UD:	N.º ALUNOS:	PERÍODO:
UNIDADE DIDÁTICA:	FUNÇÃO DIDÁTICA:	Professor: Miguel Mendes		
OBJETIVOS DA AULA:				
RECURSOS MATERIAIS:				

TEMPO		TAREFA/SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM	ESTRATÉGIAS DE ORGANIZAÇÃO	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	COMPONENTES CRÍTICAS (CC) / CRITÉRIOS DE ÊXITO (CE)
⊕	P				
Parte Inicial					
Parte Fundamental					
Parte Final					
Observações:					
Reajustamento:					

Reflexão da Aula

## 11.2. Modelo de relatório de observação de Aula

Escola EB 2,3 com Secundário José Falcão - Miranda do Corvo		Ano. Turma:		Data:			
Unidade Didática (UD):		Observador:					
N.º da Aula na UD: Aula n.º		Professor:					
Dimensões/Competências da I.P. Funções de Ensino		S/N	Observações				
INF. INICIAL	Contextualiza a aula. Indica os objetivos e conteúdos						
	Explica o tipo de tarefas e organização						
	Usa linguagem clara, audível, adequada e pertinente						
INSTRUÇÃO DEMONSTRAÇÃO	Comunica de uma forma clara, audível, concisa, adequada e pertinente		Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 4	
	Domina os conteúdos						
	Refere componentes críticas mais importantes						
	Faz boa demonstração (modelo/colocação)						
	Usa o questionamento como método ensino						
	Diminui os tempos de instrução						
GESTÃO ORGANIZAÇÃO	Faz aquecimento específico, ativo e motivante						
	Mantém o fluxo de aula						
	Rentabiliza organização material/espço						
	Distribui/organiza alunos com eficácia						
	Coloca/recolhe materiais com ordem e eficácia						
	Gere eficazmente os tempos de aula						
CONTROLO ATIV. DOS ALUNOS	Circula de forma ativa e imprevisível e posiciona-se corretamente						
	Controla segurança dos alunos						
	Usa sinais c/ coerência/eficácia						
	Gere bem tarefas/grupos de alunos						
FB-DIAGN. PRESCR.	Fornecer boa taxa de FB						
	Diversifica o FB positivo						
	Assegura qualidade/pertinência do FB						
	Fecha ciclos de FB						
FINAL	Relembra objetivos e faz balanço das aprendizagens						
	Faz extensão à próxima aula e motiva os alunos						
	Usa linguagem clara, audível, adequada e pertinente						

CLIMA	Revela disponibilidade para os alunos		
	Auxilia os alunos no insucesso, elogia-os e incentiva-os		
	Revela entusiasmo pelo ensino	S	
	Usa estratégias p/ criar bom clima	S	
DISCIPLINA	Relembra e faz cumprir regras definidas		
	Ignora comportamento inapropriado ligeiro		
	Dissuade comportamento inapropriado		
	Usa estratégias p/ prevenir e controlar a (in) disciplina		
<b>APRECIÇÃO FINAL</b>			
APRECIÇÃO METODOLÓGICA E DIDÁTICA	Tarefas adequadas ao nível de aprendizagem dos alunos		
	Tarefas pertinentes de acordo c/ objetivos		
	Progressão lógica das aprendizagens		
	Aula de acordo com o planeado e ajustada a novas situações		
	Consecução dos objetivos		
<u>OBS.</u>			

## 11.3. Planeamento anual

	1.º PERÍODO		2.º PERÍODO		3.º PERÍODO		TOTAL	
	Dias	Tempos	Dias	Tempos	Dias	Tempos	Dias	Tempos
<b>2.ª F</b>	13	26	9	18	10	20	32	64
<b>5.ª F</b>	12	12	11	11	10	10	33	33
<b>TOTAL</b>	<b>25</b>	<b>38</b>	<b>21</b>	<b>29</b>	<b>21</b>	<b>31</b>	<b>66</b>	<b>98</b>

  

PERÍODO	DATA	UNIDADES DIDÁTICAS (MODALIDADES)
<b>1.º Período</b>	17SET. – 19OUT.	Badminton
		Aptidão Física (Fitnessgram)
	22OUT. – 16NOV.	Futsal
	19NOV. – 14DEZ.	Ginástica (solo e aparelhos)
<b>2.º Período</b>	03JAN. – 08FEV.	Atletismo (corridas, saltos e lançamentos)
	14FEV. – 15MAR.	Voleibol
<b>3.º Período</b>	02ABR. – 03MAI.	Basquetebol
	06MAI. – 14JUN.	“Multiatividades”
		Aptidão Física (Fitnessgram)

## 11.4. Quadro de Extensão e Sequência dos Conteúdos

I - ATIVIDADES FÍSICAS (40%)		5º Ano	6º Ano	7º Ano	8º Ano	9º Ano	10º Ano	11º Ano	12º Ano	
Categorias	Área									
CAPACIDADES E COMPETÊNCIAS (70%)	Cat. A	Futsal	I	I	PE	PE	E	E	PA	PA
		Voleibol	I	I	I	PE	E	PA	PA	A
		Basquetebol	I	I	I	PE	E	E	PA	PA
		Andebol	I	I	PE		E	E	PA	PA
	Cat. B	Ginástica no Solo	I	I	PE	E		PA		PA
		Ginástica de Aparelhos	I		I	PE	E	E	PA	PA
		Ginástica Acrobática		I		I	PE		E	
	Cat. C	Atletismo(Velocidade/Barreiras/Estafetas)	I		PE		E	E	PA	PA
		Atletismo (Saltos / Lançamentos)		I		PE		E	PA	
	Cat. D	Patinagem		I	I		PE			E
	Cat. E	Dança			I					
	Cat. F	Badminton	I	I	PE	E	PA	PA	A	A
		Tênis								
	Cat. G	Orientação				I				E
		Corfebol		I			PE			
		Rugby								
	II – APTIDÃO FÍSICA (10% no 3º Período)	Aplicação do programa “Fitnessgram”								
	III - CONHECIMENTOS (20%)	Aquisição dos conhecimentos de acordo com a tabela percentual adoptada								
	ATITUDES E VALORES (30%)	Demonstração dos itens considerados								

### 11.5. Mapa de Rotações

		<b>Início</b>	<b>Fim</b>	<b>Duração</b>
<b>1º P</b>	1ª Rotação	14-Set	12-Out	4 semanas+1dia
	2ª Rotação	15-Out	09-Nov	4 semanas
	3ª Rotação	12-Nov	14-Dez	5 semanas
<b>2ºP</b>	4ª Rotação	03-Jan	01-Fev	4 semanas+2dias
	5ª Rotação	14-Fev	15-Mar	5 semanas+2dias
<b>3ºP</b>	6ª Rotação	02-Abr	03-Mai	4 semanas+4dias
	7ª Rotação	06-Mai	07/14-Mai	5/6 semanas